

amm

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XC
Nº 11 - NOVEMBRO 1988 - Czs 250,00



MEDIAÇÃO MATERNA

ADVENTO

A ELEIÇÃO DOS MÁGICOS

MÃE ENTRE OUTRAS MÃES

Pe. *Jair Fernandes Rezende, c.m.f.*

Um fiozinho de água cristalina
Tímido e esguio “foge” do
rochedo.

Outros iguais se esquivam
“quedo-quedo”,
Pra unir-se num regato
pequenito...

Esbatendo-se em lages de
granito,

“Serpeando” entre seixos, de
mansinho,

O ribeiro “ao murmurar” fala
baixinho:

“Fonte, és minha mãe!”

Bafejada pela aura mat:nal,
Aos rubores “dos olhos do
arrebol”,

“A lágrima” do orvalho
alvinite

Vai afagando a face virginal
“Do lírio” e da ramagem
viridente...

Pouco a pouco agitando-se às
alturas,

A gota se faz chuva nas
planuras,

E, “martelando, grita
impertinente”:

“Nuvem, és minha mãe!”

Escondida “num manto
nacarado”,

“Qual noiva de vestido cor-
de-neve”,

A pérola “para as núpcias já se
ostenta”...

De evadir-se da concha “se
impacienta”,

Ansiosa de fulgir sobre os colares
“Das Rainhas, das damas, da
princesa”...

Mesmo assim com orgulho
sempre reza:

“Água, és minha mãe!”

Baloçando contra o vento “a
cabeleira”,

À mercê dum rocío precioso,
Na expectativa à desejada hora
De tornar-se “fermento
delicioso”...

“O Trigo” em si se alegra, se
penhora...

Em se fazer “Manjar” de paz e
gozo,

Almas na Eucaristia a
alimentar...

“Sussurra” o Grão tranqüilo
ao pé do Altar:

“Terra, és minha mãe!”

“Encastelado” no seu leito
ameno,

Envolto “na mantilha” do
mistério...

Solitário, silente “em seu
império”,

A meditar a sós o seu recesso...

Um “ser todo fofinho” e tão
miúdo

“Estortega-se e geme” e faz de
tudo

Para sair à luz, saltando
inquieta

E para a alguém gritar com todo
o afeto:

“Mãezinha, és minha mãe!”

Milhares de viventes um adeus
Aos séculos disseram já
passados...

Foram-se mil impérios :
Reinados,

Inteiras gerações foram
extintas...

“Esfuziou-se nos Céus, nesse
entretanto,

Certo pensar de Deus tão
sacrossanto

No mundo que se esconde lá no
além...:

“Quero, pois, enfrentar u’a
vida nova;

Do humano quero ter mais uma
prova:

“U’a Mãezinha também”

Vou tornar-me “pequenino”

“Como feto” — escondidinho
— “Solitário-miudinho”...

Quero viver **“DEUS-
MENINO”**

Dentre o seio “de Mulher”...

Mas ouçam: Quando me erguer
A gritar ou a sorrir,

Saltitando de alegria...

Todos “vão cansar de ouvir”:
“Minha Mãe é só Maria!”

Em se falando de Paz

am
avemaria

90 ANOS

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista *Ave Maria* — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$ 250,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 2.500,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 5.000,00.



Foto da Capa: Série AM 90 anos

“VIRGEM DA CHUVA DE OURO” — Pintura de Antonio Paim Vieira — “Que os céus, das alturas, derramem o seu orvalho, que as nuvens façam chover a vitória, abra-se a terra e brote a felicidade e ao mesmo tempo faça germinar a justiça”. (Is 45,8) Essa preciosa chuva que cai sobre os corações, clamando pela Redenção, está bem simbolizada pela conhecida “chuva-de-ouro”, porque é um punhado de flores rebrilhantes que se despenca em gotas de luz. Maria é a nuvem portadora do Justo, a aurora do Messias prometido. Aqui as idéias estão aproximadas. A Virgem se apresenta como uma visão matutina. A aurora enrubesce o horizonte e Maria eleva-se ao considerar sua altíssima missão. A orquídea de ouro desabrocha na ante-manhã do dia prometido.

O homem moderno, com suas angústias diárias constrói projetos fantasiosos, tidos como essenciais, e não os são. Tudo se resume em ter mais. É uma corrida sem glórias, prejudicial e frustrante. Esse esvaziamento compromete sua dignidade de pessoa. Resta apenas uma carcaça vazia, sem o sopro interior do divino que lhe diz: anda! vive!

A tecnologia nunca cresceu tanto nos últimos 40 anos. Em contrapartida, a lentidão do desenvolvimento do próprio homem, se arrasta pelo tempo, junto com suas seqüelas. O ser humano está à beira da autodestruição, com o domínio irresponsável da natureza e do universo, da corrida armamentista, que favorece enormemente a Balança Comercial, rendendo bilhões de dólares (posição brasileira em relação à guerra Irã-Iraque).

Quando os mísseis, (obsoletos por certo), estão sendo retirados da Europa e destruídos, sob o “patético cerimonial de destruição”, pelos representantes governamentais, aparentemente estamos a caminho da Paz. A bem da verdade, nos porões desta *aparência política*, escondem-se os segredos das armas, “guerra nas estrelas”, muito mais “eficientes” e mortíferas quando acionadas. Caso não, mortíferas do mesmo modo, porque elas são construídas com a fome e exploração de milhões de seres humanos dos continentes pobres.

A paz deve começar de dentro para fora, e carregá-la para onde for, iluminando assim, a escuridão dos que estão em guerra, contagiando-os para o bem e para a paz.

No decorrer destas páginas, queremos ser esta luz humilde, que se apresenta e está disponível para se multiplicar em cada um que queira aumentar essa chama de amor.

“MÃE ENTRE OUTRAS MÃES” do Pe. Jair Fernandes Rezende, cmf ou “MEDIÇÃO MATERNA — TRANSPARÊNCIA DO ÚNICO MEDIADOR” onde Maria e Jesus, personagens-chave de uma história humana e divina, fazem parte do universo de Salvação em que Jesus é visto por Deus como a humanidade presente, o único Mediador. Procure saber alguma coisa a mais do que é a fé, na seção “consultório popular” na página 12. E faça também um perfil do seu candidato às próximas eleições, no artigo de José V.D., em “REQUISITOS”. Finalizando as sugestões, “PERMISSIVISMO E A VIOLÊNCIA” de Luiz Aguiar. Somos cúmplices de todas as violências do mundo de hoje?

A.S.G.

SUMÁRIO

- | | |
|---|--|
| 4 • A IGREJA NO MUNDO | 16 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA |
| 7 • MARIA, FILHA ELEITA DE ISRAEL | 18 • ADVENTO — PREPARAÇÃO |
| 8 • MEDIÇÃO MATERNA — TRANSPARÊNCIA DO ÚNICO MEDIADOR | 19 • PÁGINA DO CATEQUISTA |
| 12 • CONSULTÓRIO POPULAR | 20 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA |
| 13 • REQUISITOS | 23 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO |
| 14 • A ELEIÇÃO DOS MÁGICOS | 24 • RELENDO A BÍBLIA |
| 15 • DOENÇA OU “DESVIO DE CONDUTA INTENCIONAL”? | 25 • PERMISSIVISMO E VIOLÊNCIA |



Tema para o Dia da Paz

Será celebrado em todo o mundo, pela vigéssima segunda vez, dia 1.º de janeiro de 1989, e já foi escolhido pelo Santo Padre e divulgado pela Secretaria de Estado: "Para construir a Paz, respeitemos as Minorias". Esse tema defende os direitos das Minorias, que buscam manter sua própria identidade dentro de sociedades, que se tornam sempre mais internacionais. Esse problema existe em quase todos os países do mundo, onde as Minorias têm diferenças históricas, mas possuem uma mesma experiência de sofrimentos. Essas Minorias têm direitos que devem ser respeitados na vida diária das pessoas e comunidades. Esses direitos devem ser traduzidos nas estruturas sociais e nos sistemas jurídicos. Com esse tema, o Papa João Paulo II apela aos Estados, às Organizações Internacionais e a todas as pessoas, para que ajudem a construir uma sociedade, na qual uma legítima diversidade permita que cada Minoria contribua para a Paz. Porque a Paz ou é de todos, ou não é de ninguém. Pois, a verdadeira Paz não pode existir,

quando alguns Grupos vêem seus direitos humanos básicos ignorados ou negados. Ou quando se recorre à violência e se impede o diálogo. O tema do Dia Mundial da Paz de 1989 recorda a todos os cristãos do mundo, que a construção da Paz é uma obrigação universal e concreta responsabilidade de cada um. Os Grupos Minoritários têm uma contribuição indispensável para a Paz.

Arns receberá prêmio por direitos humanos

O cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, receberá, no dia 8 de dezembro próximo, em São Paulo, o 1.º Prêmio Nacional de Direitos Humanos. A sua escolha foi feita pelo Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (MNDDH), fundado em 1982, com sede em Brasília e que reúne cerca de 350 entidades de direitos humanos de todo o país.

O prêmio consiste numa estatueta de bronze, representando um ser humano, feita pelo artista plástico Elifas Andreatto.

A entrega do prêmio será feita no Teatro da Universidade Católica de São Paulo — (Tuca) — que será reinaugurado oficialmente, depois do incêndio que destruiu seu prédio em 1984.

Além de representar uma homenagem ao cardeal Arns, pelo seu apoio aos direitos humanos, a

solenidade (para a qual serão convidadas personalidades do Brasil e do exterior), marcará, também, a comemoração do 40.º aniversário da promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, das Nações Unidas.

Dois dias depois, d. Paulo viajará à França para participar, em Paris, como convidado do ex-presidente norte-americano Jimmy Carter, de um encontro internacional de chefes de Estado e personalidades sobre a paz e a nova ordem sócioeconômica internacional.

D. Paulo Evaristo Arns é o único representante religioso no Comitê para Assuntos Humanitários das Nações Unidas, a ONU, com sede em Genebra, na Suíça.

(FSP)

O santo sudário

Pesquisa e Igreja

Esta pesquisa sobre a idade do sudário foi *autorizada e acompanhada* pela Igreja Católica. As universidades *escolhidas* possuem os melhores laboratórios do mundo, na especialidade. Foram convidados pelo museu Britânico e pela Academia de Ciências do Vaticano.

Cada universidade recebeu amostras de tecido de um centímetro quadrado do sudário, de tecido semelhante ao do primeiro século e da era medieval. Os laboratórios, é evidente, não sabem de antemão qual é um, qual é outro. É possível até que um deles não tenha recebido

amostra alguma do próprio sudário. O trabalho, naturalmente, foi independente de um laboratório para outro.

O sudário de Turim foi o mais pesquisado cientificamente nos últimos 90 anos. Antes, nem mesmo, a ciência estava aparelhada para pesquisa que levantava desafios maiores que a capacidade de resolver.

Sudário e Fé

Se o sudário for verdadeiro, trará apenas confirmação do que já se sabe e se acredita sobre a paixão, morte e ressurreição de Cristo. Logo, se não for verdadeiro, em nada a fé em Cristo poderá ser abalada.

A fé em Cristo e a vivência do Cristianismo têm uma base sólida: a Escritura Sagrada. A Bíblia, por sua vez, é o testemunho escrito de pessoas e comunidades que conviveram com Cristo, ou que experimentaram a mensagem e o estilo de vida propostos por Cristo. Portanto, a fé em Cristo e os valores do Cristianismo se provam pelo que se vive na prática concreta. Porque Cristo é uma pessoa e o Cristianismo é um tipo de vida.

Logo, o sudário não levanta nenhuma questão sob o ponto de vista religioso da fé. Não abre nenhum problema teológico.

Embora tenha *permitido sua veneração*, a Igreja nunca o declarou autêntico. Pelo contrário, *submeteu o sudário a estudos científicos sérios* como o que agora chega ao final.

O SP



Encontro de músicos nordestinos

Realizou-se em Recife, na Casa dos Padres de Camarajibe, de 16 a 18 de setembro, sob a coordenação de Frei Joel Postma, Assessor da CNBB em Brasília, com 12 coordenadores regionais de música litúrgica do Rio Grande do Norte (5), Pernambuco (3) e Bahia (4), para avaliar a pastoral-canto e intercambiar composições regionais. A avaliação do trabalho levou os participantes a sete assuntos enriquecedores: (1) — dificuldade para formação musical e litúrgica no interior nordestino; (2) — participação mais global dos músicos na caminhada litúrgica das comunidades; (3) — trabalhar o ritmo e melodia da região na música litúrgica, para que não se torne um tipo de forró; (4) — melhorar a qualidade das letras desencarnadas nos cantos litúrgicos; (5) — cantar o 'ordinário da Missa', com textos fixos e conhecidos, dispensando o uso das folhas, que dificultam a comunicação na liturgia; (6) — utilizar cantos de denúncia nas áreas de conflito de forma não exclusiva; (7) — o excesso de cantos novos, com letras "quilométricas", dificultam a assimilação e inibem a participação. No intercâmbio de composi-

ções regionais, a Bahia trouxe músicas de denúncia, com ritmo afro-brasileiro, feitas por jovens; o Rio Grande do Norte mostrou músicas litúrgicas, com melodias modais típicas do nordeste; Pernambuco apresentou versões originais de salmos, com melodias e ritmos próprios da região. A conclusão deste encontro inter-regional foi a exigência dos músicos para que seja mais freqüente e sistemático esse intercâmbio enriquecedor e animador, para a pastoral do canto.

Sulão sobre catequese urbana

Realizou-se em Curitiba, no Paraná, de 1.º a 3 de setembro, com 62 participantes de cinco Equipes Regionais de Catequese, de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, para tratar da catequese na cidade, com assessoria de Pe. Juventino Kesting, da CNBB de Brasília. Primeiro, os catequistas analisaram a realidade da cidade, seus desafios e valores. Depois, refletiram sobre o fenômeno da urbanização. Por fim, deram sugestões sobre a forma de organizar a catequese, capaz de atingir o homem urbano, formar agentes, aprofundar metodologias, escutar o homem da cidade, estar atento à realidade urbana, continuar a reflexão sobre catequese urbana nos Regionais. (Notícias CNBB)

PARA RENOVAR SUA ASSINATURA
(OU FAZER UMA ASSINATURA NOVA)
UTILIZE O CUPOM RECIBO/
DEPÓSITO. É MAIS FÁCIL, É MAIS
ECONÔMICO, É MAIS RÁPIDO.
E MAIS: A VANTAGEM DO PREÇO QUE
VALE ATÉ 30/11/88

REVISTA AVE MARIA 11/88

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

REVISTA AVE MARIA 11/88

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR				
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova <input type="checkbox"/> renovação	C/\$ 2.500,00	0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova <input type="checkbox"/> renovação	C/\$ 2.500,00				
AG. CONTA	DAC	CEP	CIDADE/ESTADO	AG. CONTA	DAC	CEP	CIDADE/ESTADO		
0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP	0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

—AUTENTICAÇÃO MECÂNICA—

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

—AUTENTICAÇÃO MECÂNICA—

Encerramento do Ano Mariano em Santos

Eugênio Pessato, cmf

A diocese de Santos nos relata como viveu e encerrou o seu Ano Mariano, procurando motivar todos os leitores a refletirem sobre o lugar que Maria ocupa no plano da Redenção e como manifestar a devoção devida a ela usando para isso um material rico em conteúdo e de fácil entendimento.



Cortesia de: "A Tribuna"

Início da celebração de encerramento do Ano Mariano em Santos, SP

A diocese de Santos celebrou o encerramento do Ano Mariano no dia 21 de agosto p.p., na solenidade da Assunção de Nossa Senhora, unindo-se assim à Igreja do Brasil, na homenagem prestada à Mãe do Redentor.

A foto ao lado nos mostra a concentração do povo diante da Catedral de Santos.

Após a abertura feita pelo bispo diocesano, todos os presentes foram convidados a pedir perdão por todas as falhas cometidas durante o Ano Mariano.

Arrependidos e dispostos a viver o perdão recebido, deu-se início à caminhada, com aproximadamente 5 mil pessoas, cantando e dando glórias a Deus, por suas maravilhas realizadas em Maria.

Com a leitura e reflexão do Evangelho, teve continuidade a Missa no ginásio do Colégio Santista, espaço este que foi peque-

no para tão grande número de participantes.

Precedeu a este acontecimento um trabalho de evangelização, que chamamos de Missão Mariana, realizada em 8 comunidades paroquiais.

A missão Mariana foi realizada com os próprios agentes das comunidades, anteriormente preparados e acompanhados pelos seus respectivos párocos.

O trabalho missionário foi realizado junto às famílias, que se reuniram para a reflexão e recitação dos mistérios do rosário.

Faz-se necessário salientar que os mistérios do rosário não foram recitados na forma tradicional, mas cumprindo uma determinação do Papa, na Encíclica "A Mãe do Redentor", nós utilizamos um material que esta revista divulga, que é uma verdadeira catequese popular para adultos: "Os mistérios do

Rosário".

Este material é constituído de um livro-texto que é utilizado pelo coordenador do grupo, o qual é acompanhado de um jogo de 15 cartazes, relativos a cada mistério.

O material foi muito bem aceito pelo fato de permitir que todos participem, mesmo os analfabetos, pois visualizam o cartaz.

Para mim, o mais importante neste material foi a necessidade do uso da Bíblia, tão desconhecida e pouco utilizada em nossas reuniões com grupos de famílias.

Tem-se a impressão que a Bíblia só pode ser utilizada no mês de setembro, quando então fazemos os círculos bíblicos.

Portanto, se este trabalho missionário em Santos alcançou o seu êxito, foi porque Maria, nossa Mãe, se fez presente através da Palavra de Deus no meio de nós. ■

M A R I A

FILHA ELEITA DE ISRAEL



No dia 21 de novembro celebramos a memória litúrgica da "Apresentação de Nossa Senhora". Esta festa teve sua origem por ocasião da dedicação da basílica de Santa Maria Nova, construída em Jerusalém nas proximidades do Templo. No século VIII todo o império bizantino já celebrava esta festa. No Ocidente começou a ser celebrada em Avinhão, no tempo do papa Gregório IX e passou definitivamente ao calendário romano em 1585, por obra de Sixto V.

O objeto desta festa é a apresentação de Maria no templo, baseada num texto apócrifo do proto-evangelho de Tiago que afirmava terem Joaquim e Ana levado Maria ao santuário, estando a menina com três anos e que lá teria crescido como virgem entregue ao serviço de Deus. Diz ainda o texto: "O sacerdote a fez sentar no terceiro degrau do altar, e o Senhor Deus a revestiu de graça, e ela dançou com seus pezinhos e toda a casa de Israel passou a gostar dela" (7,3).

Embora carecendo de fundamento histórico, a Igreja em sua tradição professa que o período de preparação para o seu papel de Mãe do

Senhor foi uma vida que transcorreu "no templo". Crescendo no templo amadureceu nela a graça que Deus lhe havia dado em sua concepção.

Os comentaristas modernos não se apegam tanto ao templo histórico e externo de Jerusalém quando comentam esta festa. Eles preferem ver em Maria a "casa de ouro", figura que brota da comparação com o Santo dos Santos do Templo de Salomão revestido de ouro, onde se guardava a Arca da Aliança. A verdade teológica que emana desta festa é a certeza de que Maria, cheia de graça na sua imaculada concepção e na anunciação, viveu e sempre correspondeu a tal graça; foi sempre fiel à sua elevação, colocou-se totalmente a serviço de Deus.

Como esta festa evoca a imagem do templo, podemos dizer que o templo é, antes de tudo, o lugar onde todo o povo eleito está diante de Deus. Maria cresceu na tradição religiosa deste povo. Crescendo no templo, ela se torna pelo Espírito, santo "templo do Senhor". ■

Mauro Zequin Custódio, cmf

AM RESPONDE

"Como falar sobre N. Sra. aos que são contra ela?"

Esta pergunta nos é feita pelo leitor Márcio da Costa (S. Lourenço - MG), que também nos pergunta sobre o modo de falar sobre Maria com os pobres e doentes.

Caro Márcio, o modo de falar depende muito de cada um. O mais importante você já está fazendo, ao apresentar aos seus ouvintes, na hora oportuna, a Mãe de Jesus como caminho de encontro com o Salvador. É muito importante que o nosso carinho por Maria seja percebido pelos nossos interlocutores ou ouvintes como o reconhecimento da grandeza da salvação trazida ao mundo pelo seu filho Jesus. Algumas vezes nossos irmãos separados, (principalmente os crentes), são levados a falar contra nossa devoção a Maria, porque não se apercebem que todo o nosso amor a ela é conseqüência da nossa mais profunda fé em Cristo.

Outra coisa: quando você quiser basear-se na Bíblia, que eles tanto apreciam como nós, a devoção a Maria, tão característica dos católicos, abra e leia com eles o primeiro capítulo do evangelho de Lucas, que é todo um hino às grandezas que Deus realizou na sua humilde serva, a Virgem de Nazaré. Não há quem possa ler os versículos 26 a 56 deste texto bíblico, sem ficar impressionado pelo amor a Deus que se manifesta em Maria. Ninguém fala mais lindo sobre Maria do que a própria Palavra de Deus!

Pe. Manoel Müller, c.m.f.

(Esta seção foi aberta para responder exclusivamente sobre Nossa Senhora).

Dirija suas perguntas a:

AM responde
A/C Pe. Manoel Müller, c.m.f.
Revista Ave Maria
Cx. Postal 54.215
01.296 - São Paulo - SP

MEDIAÇÃO MATERNA

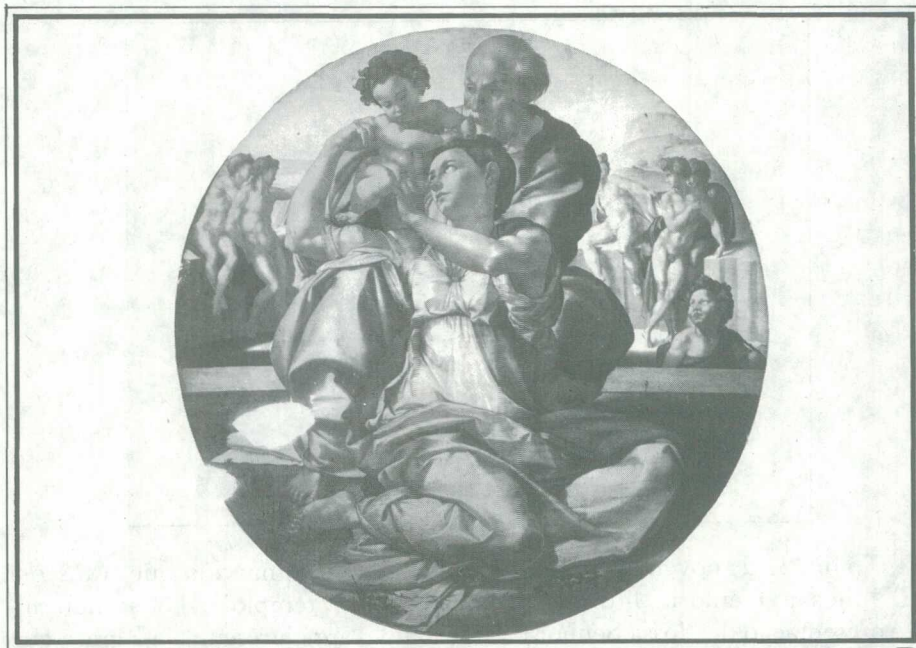
TRANSPARÊNCIA DO ÚNICO MEDIADOR

José C. R. García Paredes

“Mediação” é uma palavra que suscita polêmicas dentro das religiões cristãs. “Mediação” é, de um lado, a palavra na qual se reflete a experiência de milhares e milhares de fiéis em relação a Maria: eles sentem como ela tem sido a ponte que os aproxima de Cristo, a portavoza de seus desejos e angústias diante de Deus, a figura que os atrai para Deus e para a Igreja. Em troca, nossos irmãos protestantes vêm na doutrina e nas experiências de “mediação” de Maria uma ameaça e uma negação da “mediação única e exclusiva de Cristo”, tão claramente afirmada pelo Novo Testamento.

Não podemos negar que a “mediação de Maria” tem sido freqüentemente explicada de forma inadequada; tem sido entendida como uma realidade isenta tanto do mistério de Cristo como do mistério da Igreja; é assim como se fosse uma “segunda mediação”.

Examinemos a verdade sobre Maria do ponto de vista da “mediação materna”, seguindo as linhas-mestras da Redemptoris Mater.



“Há apenas um mediador entre Deus e os homens”

Este, precisamente, e não outro qualquer deve ser nosso ponto de partida. Esta é a chave adotada pelo Concílio Vaticano II e também pela encíclica papal ao apresentarem a mediação materna de Maria.

Por que há um só mediador entre Deus e os homens? Por que este único mediador é Jesus Cristo? (I Timóteo 2,5-6). Poderíamos responder com outras perguntas: Que homem, que mulher seria capaz de transpassar por si mesmo este espaço infinito que nos separa de Deus, o “absolutamente outro”, o transcendente? Que criatura pode atrair para si o Criador, exigir-lhe uma aliança de amor imperecível, uma amizade cheia de benevolência? E se o homem, a mulher e a humanidade têm sido desobedientes a Deus, o têm ofendido, e dele se distanciaram pelo pecado e

renunciaram ao seu amor, quem poderá na terra santificar seu nome profanado, oferecer-lhe um culto agradável, ser-lhe fiel como ele merece? Quando reconhecemos o único Deus em sua transcendência e em sua infinita dignidade, confessamos ao mesmo tempo a incapacidade radical do homem de corresponder-lhe, de desagavar seu nome profanado. Não há inocência humana que por si mesma “mereça” um olhar de amor de Deus. Não há homem ou mulher, por mais perfeitos que sejam, que “mereçam” chamar-se e ser “filhos de Deus”, que Deus lhes envie seu Espírito. Não há comunidade humana, nem povo, que “mereça” a encarnação do filho de Deus.

Deus é o único protagonista do recebimento da graça pelo homem. Na história da salvação, Deus Pai nos mostrou um amor totalmente “gratuito”, sem nenhum tipo de pressupostos. Ele não nos agradeceu por nossa boa conduta, pois o maior gesto de sua graça para conosco — a entrega amorosa de seu filho, a reconciliação com

ele — Deus Pai o realizou “quando éramos pecadores” (Romanos 5,7-10). O Pai também não nos concedeu sua graça porque previra nossa resposta de amor agradecido. De fato, que ingratos temos sido tantas vezes em relação ao seu amor! Sem dúvida, o amor de Deus é universal, não exclui ninguém, nenhum de seus filhos. Ele nos agraciou “sem nenhum tipo de condição”.

Jesus, o filho de Deus, nascido de uma mulher, foi aquele em quem o Pai nos agraciou. Em Jesus Cristo, Deus Pai se aproximou de nós, nele e por meio dele seu amor se encarnou na Terra, seu Reino. Jesus casou o Pai com seu povo, com a humanidade. Ele percorreu esse imenso trajeto metafísico que separa o “absolutamente outro”. O nome Javé significa “Deus conosco”. Somente Jesus é e pode ser o mediador de Deus Pai diante de nós.

Jesus, o nascido de uma mulher, o filho de Deus, participa de nossa estirpe. É feito de nossa carne. É em tudo semelhante a nós, menos no pecado. É o irmão “universal”. É o melhor fruto da colheita humana. Em nenhum, como nele, se manifesta o que é autenticamente o homem. Ele não teve pecado. Venceu o pecado. É o homem perfeito. Nosso melhor representante. O único que pode servir-nos de mediador diante de Deus. Quando Deus Pai contempla Jesus na humanidade, esta tem para Deus um rosto diferente. Ao ver Jesus tão estreitamente unido e solidarizado conosco, pecadores, Deus Pai vê em Jesus todos os homens. Nós, criados à imagem de Deus (imagem que nada nem ninguém pode destruir totalmente), temos os ímpetos daquele que é o protótipo de todo homem. Somente Jesus “merece” por nós o amor, a proximidade benevolente, a atitude de permanente graça e misericórdia de Deus Pai. Ele é nosso “único mediador”. Mas nele e com ele tudo “o que é nosso” se revaloriza aos olhos de Deus, glorifica e santifica seu nome e o leva a manter conosco uma aliança de amor imperecível.

Nada somos sem Jesus Cristo. Sem ele não podemos dar frutos. Somente com ele teremos acesso a Deus. Ele é nosso único mediador.

Maria a serva do Senhor

Além de afirmar que Jesus é o único mediador, a encíclica *Redemptoris Mater* assume um aspecto que pode parecer desconcertante: quando fala da mediação materna de Maria, a primeira coisa que faz é apresentá-la com o título de “a serva do Senhor”.

Na anunciação foi revelado a Maria quem era o único mediador entre Deus e os homens: aquele que seria o filho de suas entranhas por obra do Espírito Santo. Ao aceitar sem condições a maternidade, Maria aceita o mediador, o filho do Altíssimo. Ela se submete totalmente à vontade de Deus: “Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a sua palavra” (Lucas 1,38). Este é “o primeiro momento de submissão à única mediação, a de Jesus Cristo: a aceitação da maternidade por parte da Virgem de Nazaré” (RM, 39). Maria “entendeu a própria maternidade como doação total de si, de sua pessoa, a serviço dos desígnios salvadores do Altíssimo” (RM, 39). É preciso entender a servidão como um sinal de esponsalidade: Maria, como a mulher que por amor esponsal — virginal —, “consagra” totalmente sua pessoa humana a Deus. “A maternidade de Maria está impregnada profundamente pela atividade esponsal de ‘serva do Senhor’” (RM, 39). “Este fato fundamental de ser a mãe do Filho de Deus pressupõe, desde o início, uma abertura total à pessoa de Cristo, a toda sua obra e missão” (RM, 39).

Maria foi também por sua fé “a companheira singularmente generosa” de Jesus. Seguiu-o radical e totalmente. Sua vida foi um constante associar-se a Jesus, como a primeira discípula, a perfeita seguidora. Desse modo, “Maria entrava de maneira muito pessoal na única mediação entre Deus e os homens, que é a mediação do Homem Jesus Cristo.

Jesus foi o único mediador entre Deus e Maria, Maria e Deus. Maria foi escolhida, redimida e agraciada em Jesus Cristo, o amado do Pai. E, por meio de seu filho, sua resposta chegou até o altar do céu. Maria foi “a pri-

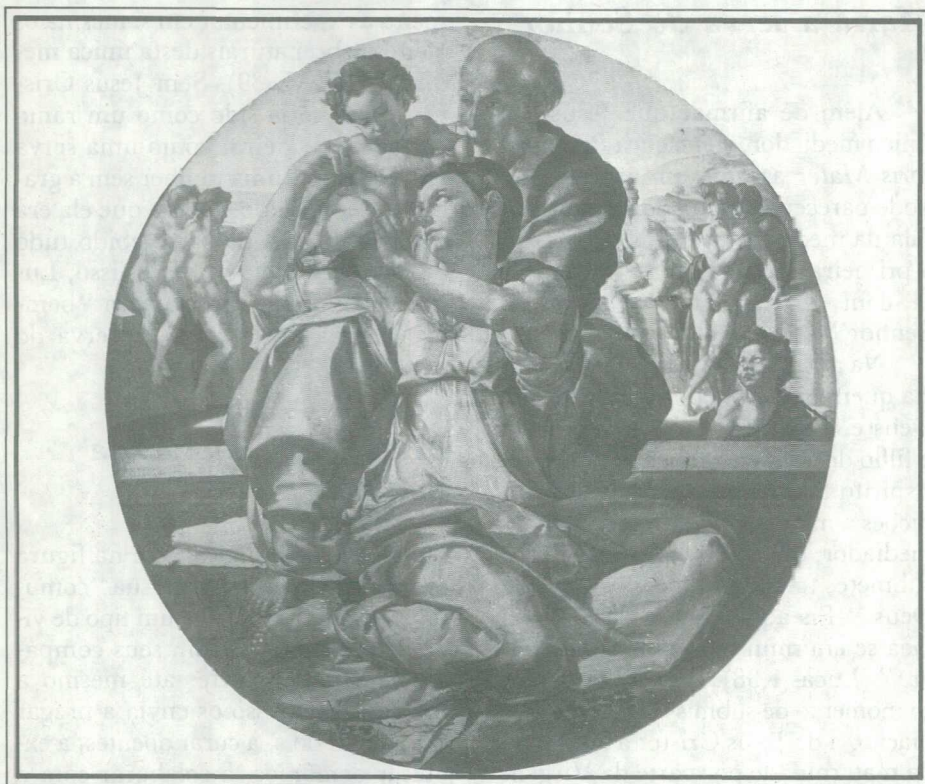
meira a experimentar em si mesma os efeitos sobrenaturais desta única mediação” (RM, 39). Sem Jesus Cristo, Maria teria sido como um ramo cortado da videira, como uma serva sem redentor, uma mulher sem a graça de Deus. Tudo, tudo o que ela era devia a ele. Ela havia recebido tudo de Deus *por meio* dele. Por isso, Lucas e sua igreja a proclamam “bem-aventurada por sua fé”, “serva do Senhor”.

Maria, a cooperadora de Jesus

Se há algo que ressalta na figura evangélica de Jesus, isso é sua “comunitariedade. Ele escolhe um tipo de vida comunitária. E com seus companheiros tudo reparte, até mesmo a missão. E por isso os envia a pregar de dois em dois, a curar doentes, a expulsar demônios, a colaborar com o amanhecer do Reino de Deus. Jesus amplia o número de seus colaboradores. Lucas fala em setenta e dois discípulos. Cada um daqueles que crêem em Jesus deve ser “luz do mundo”, “sal da terra”. E, após a experiência da ressurreição, Jesus pede a colaboração missionária de sua Igreja e a envia como testemunha a pregar o Evangelho a todas as nações até o fim do mundo. A comunidade de Jesus fica associada a ele, incorporada a ele. Paulo a chama de “corpo de Cristo”: o órgão de expressão e atuação do Ressuscitado e de seu Espírito no mundo. O ressuscitado continua atuando na História através de seu corpo que é a Igreja. E a Igreja experimenta a promessa de Jesus (“estarei com vocês”), principalmente quando atua “em seu nome”.

Assim colocadas as coisas, descobrimos como a Igreja de Jesus entra na única mediação entre Deus e os homens, que é a mediação de Jesus Cristo. A Igreja, corpo de Cristo, participa de sua mediação, ao mesmo tempo que experimenta todos os seus efeitos. A única mediação de Jesus estende-se por meio da Igreja no tempo e no espaço.

Se a Igreja participa da “mediação de Jesus Cristo”, com ele e nele,



se ela também se converte em “mediação de salvação” para o mundo, em sacramento (símbolo eficaz) do único mediador, é claro que isso também acontece naquela mulher que se associou com todo seu coração a Jesus e à sua obra, naquela que foi sua melhor discípula, “companheira singularmente generosa” (LG, 61): Maria, Igreja nascente, mãe de Jesus. “Maria estava particularmente predisposta à cooperação com Cristo, único mediador da salvação humana. E tal cooperação é precisamente sua mediação, subordinada à mediação de Cristo” (RM, 39).

Jesus, que quis incorporar à sua pessoa e associar à sua obra seus discípulos, também incorporou a si e à sua obra “de uma maneira especial e excepcional” Maria, sua mãe. Desde a infância de Jesus, a mãe e o filho formam — segundo Mateus — uma unidade indissolúvel (Mateus 2, 11-13, 14-21). Maria, que gera Jesus, dando-lhe um corpo e entregando-se a ele em atitude de total servidão, vai sendo incorporada progressivamente ao corpo de Cristo que é a Igreja. Jesus é para Maria seu único formador; o acontecimento de seu filho é para ela toda uma revelação: em seus gestos e pa-

lavras descobre a vontade do Pai, o projeto do Reino. Acolhe e entende a revelação com essa intuição, tão peculiar, às mães, especialmente àquelas que têm uma grande interioridade. Maria “seguiu” constantemente seu filho único, embora às vezes não o seguisse materialmente. E o seguiu de forma ativa, colocando-se sempre a seu lado. O quarto evangelho manifesta isso de forma admirável quando reproduz aquelas palavras de Maria que são um símbolo: “Façam o que ele mandar!”

Que Maria estava ao lado de Jesus, que colaborava com ele é algo que se descobre no momento culminante da cruz. Sua presença aí vai muito além do que poderia sugerir uma interpretação puramente sentimentalista. Diz o Vaticano II: “Maria manteve fielmente a união com seu filho até a cruz, onde, seguindo os desígnios de Deus, ela se manteve em pé, condoendo-se veementemente com seu filho unigênito, associando-se com coração maternal a seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima engendrada por ela mesma e, finalmente, foi dada como mãe ao discípulo pelo próprio Jesus Cristo que morria na cruz, com as seguintes pa-

lavras: ‘Mulher, eis aí o seu filho!’” (LG, 58). Nesse momento, Maria recebe de Jesus a missão de cuidar de seus discípulos amados, ou, como diz também de uma belíssima forma o Concílio Vaticano II, de “cuidar com amor materno dos irmãos de seu filho que peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, lutando contra o pecado, até que sejam levados à pátria feliz” (LG, 62). Simão Pedro, depois de manifestar por três vezes seu amor a Jesus, também por três vezes recebe o encargo de “cuidar de suas ovelhas” (João 21,15-17).

Maria, após manifestar a Jesus um amor total, nunca negado, amor até a cruz, recebe de Jesus exaltado não mais a missão pastoral, mas a *missão maternal*. Esta é a perspectiva do quarto Evangelho. Semelhante a complementar é a perspectiva do evangelho de Lucas. Simão Pedro recebe a missão, após suas negações, de confirmar na fé seus irmãos (Lucas 22,32). Maria é a fiel por antonomásia, o modelo perfeito da acolhida da fé, pregada por Pedro e pelos apóstolos. Eis aí a cooperação de Maria!

A mediação materna de Maria

A presença de Maria em Caná da Galiléia, como mãe de Jesus, no início de seus milagres, manifesta sua *solicitude* pelos homens. Maria vai ao encontro das necessidades do homem e se introduz no raio de ação da missão messiânica e do poder salvador de seu filho (RM, 21). Nesse acontecimento “ocorre uma *mediação*: Maria põe-se entre seu filho e os homens... Põe-se ‘em meio’, ou seja, torna-se uma mediadora, não como uma pessoa estranha, mas em seu papel de mãe, consciente de que como tal pode — ou melhor, ‘tem o direito de’ — mostrar ao filho as necessidades dos homens. Sua mediação, portanto, tem caráter de intercessão” (RM, 21). No episódio de Caná manifesta-se um tipo de mediação especial: Maria, como mediadora entre os homens necessitados e Jesus. Uma mediação parecida ocorre quando André depois de ver onde vivia Jesus e

de ficar com ele durante um dia inteiro, diz a seu irmão Simão que havia encontrado o Messias e “o leva até onde estava Jesus” (João 1,42).

Em Caná, além disso, Maria se apresenta diante dos homens como “porta-voz da vontade de seu filho, indicando as exigências que devem cumprir-se para que possa manifestar-se o poder salvador do Messias” (RM, 21). É também mediadora, quando fala e atua “em nome de Jesus”. Esta representatividade recai também sobre os apóstolos, que mais tarde receberão o poder de atuar “em nome do Senhor”.

Junto à cruz de Jesus, a mediação de Maria fica mais densa e profunda. Ela aparece sobretudo como uma *mediação materna*. Os discípulos amados de Jesus não poderão prescindir dessa mediação: terão de acolhê-la em seu próprio mundo espiritual, terão de contemplá-la e acolhê-la como “fonte maternal” de sua fé, como um centro no qual a fé se gera e regenera. Nesse sentido, afirma o Concílio Vaticano II: “A função maternal de Maria em relação aos homens de maneira alguma obscurece ou diminui a única mediação de Cristo, mas mostra muito bem sua eficácia” (LG, 60; RM, 22). Essa maternidade espiritual de Maria sobre os discípulos “surgiu de sua própria maternidade divina, porque, sendo mãe do divino redentor, ela por disposição da divina providência se converteu de forma singular na ‘generosa colaboradora entre todas as criaturas e na humilde serva do Senhor’” (RM, 22).

Maria, portanto, não supre Jesus como mediador entre Deus e os homens. Mas Jesus, sim, se prolonga em Maria. Ela é, como dizia Santo Agostinho (*Sermão* 25,7-8), um “membro santo, um membro excelente, um membro supereminente da totalidade de seu corpo”. Através de Maria, Jesus se aproxima de nós, atua em nós. E, como mulher de nosso povo, como nossa mãe, através dela nós nos prolongamos e chegamos a Jesus. Através dela dizemos um “fiat” (faça-se) total a tudo, nós nos tornamos “servos do Senhor”.

Em Pentecostes, Maria estava presente em meio à comunidade co-



mo “a serva do Senhor”, entregue por seu filho como mãe à Igreja nascente. Assim começou a formar-se uma relação especial entre essa mãe e a Igreja. Maria entregou-se sem reservas à Igreja à obra de seu filho. Derramou sobre a Igreja sua entrega materna. Por isso, “depois da ascensão de seu filho, sua maternidade permanece na Igreja como *mediação materna*. Maria intercede por todos os seus filhos; coopera na ação do Ressuscitado, ela, que foi ressuscitada junto a ele. Essa maternidade perdura sem cessar, até a consumação perpétua de todos os eleitos” (LG, 62). A estreitíssima união com seu filho faz com que a cooperação de Maria adquira as mesmas dimensões da atividade salvadora de Jesus: quer dizer, universais — “com a morte redentora do filho, a mediação materna da serva do Senhor alcançou uma dimensão *universal*” (RM, 40). “A cooperação de Maria participa, por seu caráter subordinado, da universalidade da mediação do redentor, único mediador.

Com a assunção de Maria aos céus realizou-se definitivamente em Maria todos os efeitos da única mediação de Cristo redentor do mundo e Senhor ressuscitado. No mistério da assunção expressa-se a fé da Igreja, segundo a qual “Maria está intimamente unida a Cristo”. Elevada aos céus, ela não encerra aquele seu serviço salvador que a define: continua sendo “a serva do Senhor”, a “servidra solícita dos homens”. Pois é certo aquilo que diz Paulo: “o amor nunca passa”.

Descobrimos então que:

- a) a função mediadora de Maria se apóia na de Jesus;
- b) depende totalmente da mediação de Jesus;
- c) obtém da mediação de Jesus todo o seu poder;
- d) não impede a mediação de Jesus; ao contrário, a incentiva (LG, 60; RM, 38).

Sumário

O individualismo burguês de nossa época nos torna auto-suficientes, nos afasta de todo tipo de solidariedade. O Evangelho de Jesus nos convida, sem dúvida, à humildade, à comunidade, à solidariedade universal. Deus não se aproxima de nós como indivíduo, mas como comunidade trinitária; Deus se aproxima de nós através do filho, nascido de uma mulher, solidário em tudo conosco, menos no pecado; o filho de Deus incorporou a si mesmo sua Igreja. Ela é seu corpo. De uma maneira privilegiada e excepcional, incorporou Maria a si mesmo, enquanto mãe agraciada, e ela, com liberdade única, o acolheu com fé total, com uma doação generosíssima de amor.

Nosso encontro com Jesus Cristo e, por meio dele, com o Pai, não pode realizar-se, na atual obra de salvação, numa relação individualista. A Igreja participa da mediação de Cristo. Por isso, nós nos encontraremos infalivelmente com ele através de Maria. Ela participa dessa mediação de modo especialíssimo, enquanto “mãe dos fiéis”. Maria, a plenificada pela graça, é para nós a presença transparente do único mediador. Em Maria encontramos a palavra, o filho de Deus, o Espírito; nela descobrimos o rosto materno de Deus. Porque ela é, acima de tudo, a Igreja imaculada, a Igreja virgem e fiel, a Igreja-mãe, a Igreja totalmente consagrada e glorificada. Nela, a mediação da Igreja adquire sua plenitude. ■

José C.R. García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista *Vida Religiosa*, em Madri.

Tradução: Suely Mendes Brazão

ESTUDOS E DEFINIÇÕES SOBRE A FÉ

O que é fé? (2065)

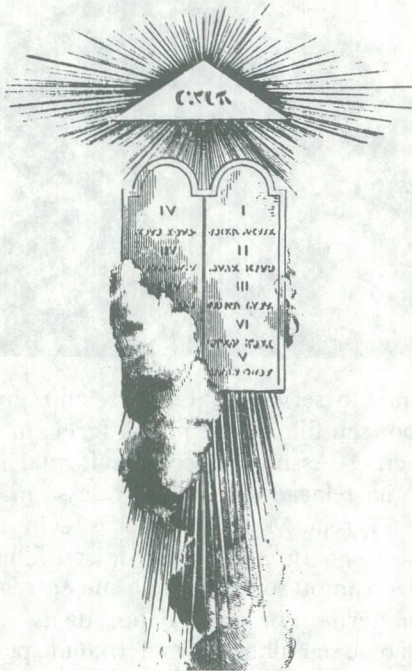
(M.G.V. Itabirito - MG)

A teologia Católica define a fé, de acordo com S. Tomás de Aquino, "o ato do intelecto que assente à verdade divina, sob a influência da vontade movida por Deus mediante a graça". Este conceito, que de certo modo é estritamente intelectual, foi desenvolvido pela Teologia nitidamente racional na Idade Média. E por causa das controvérsias levantadas pela Reforma (pois ensinava que a fé era um ato de confiança), levou a Teologia católica a enfatizar mais ainda esta característica intelectual da fé.

A Bíblia nos apresenta a fé sob um outro prisma, a fé como um todo. Fé, fundamentalmente, é uma resposta a uma proposta. A proposta é feita por Deus à liberdade das pessoas que são chamadas a construir comunidade e do seio desta comunidade dar a sua resposta. Resposta pessoal porque cada um deve responder em liberdade. Comunitária porque a natureza da proposta é confiada a uma comunidade. É uma resposta global, que envolve todas as atividades da pessoa e da comunidade.

A fé envolve a aceitação da proposta do projeto de Deus, que é: um convite a vivermos em comunhão com Ele. E este projeto vinha sendo anunciado ao longo do Antigo Testamento pela Lei (pentateuco), pelos profetas (livros Proféticos), pelos sábios (livros Sapienciais), pela experiência do povo de Israel iluminada pela Palavra de Deus, chega a seu ponto máximo de clareza, de revelação em Jesus Cristo, alfa e ômega, princípio e fim de tudo o que Deus quis e quer dizer a cada um de nós (Apoc 1,8.17).

A fé possui uma gratuidade, e essa vem da parte de Deus, que quis, em sua livre bondade e misericórdia, propor-nos esse tipo de rela-



ção de amor, de amizade para com ele.

A fé, como uma atitude global da pessoa em comunidade diante da proposta salvífica de Deus, pode ser analisada sob diversos aspectos:

a) O aspecto existencial, é o "crer". Crer vem do verbo latino "credere", que por sua vez se origina a expressão: "cor + dare", isto é, dar o coração, (a alguém). Significa entregar-lhe o coração, colocar-se à sua disposição no cerne mais íntimo da nossa pessoa. É entrega, aceitação do acolhimento, do engajamento pessoal diante da interpenetração de Deus. Implica um compromisso de vida, de existência.

b) A fé situa-se diante de um conteúdo, de um objeto, de algo "real", algo de concreto. É propriamente ao longo da história, de modo humano, o projeto proposto por Deus. A fonte principal e insubstituível dessa Revelação de Deus são as Escrituras, sob a dupla forma: Antigo e Novo Testamento.

c) O aspecto prático; já afirmei que a fé é uma resposta que brota do mais íntimo do nosso ser à proposta de Deus. Essa resposta, da

nossa parte supõe compromisso, entrega, engajamento. E aqui encaixa-se muito bem a afirmação que S. Tiago faz na sua carta: "assim também a fé se não tiver obras, é morta em si mesma" (2,17).

Para concluir apresentarei dois textos fundamentais:

a) A carta aos Hebreus, nos apresenta uma definição que aborda o campo religioso e não religioso, pois o autor coloca a fé como fundamento de nossas esperanças, fazendo com que essa esperança seja o prolongamento de nossa fé (Heb. 11,1-39).

b) A fé, como já disse, não está desligada da nossa realidade concreta, dos nossos atos do dia-a-dia. Ela situa-se no campo do pensamento, da ação e da prática (Mt 7,24-27).

A fé vivida, nutrida pelo Espírito de Cristo, nos leva a um sério compromisso para com o nosso irmão, nos faz transformar de homem velho em homem novo. É com a fé que encontramos uma poderosa fonte de energia que anima nossa vida e dá esperança de vitória em nossas lutas e ideais e em nossa caminhada para Deus; caminhada esta que começa hoje mesmo em nossa realidade de homens de fé que somos construtores de uma nova sociedade onde deve reinar a justiça, a fé e a caridade.

Pe. Alceu Luiz Orso, cmf.

Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia. Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta

Correspondência para:

Equipe Consultório Popular
Caixa Postal 153 - CEP 80.000
Curitiba (PR).

REQUISITOS

José Wanderley Dias



Precisa-se de alguém. De uma pessoa.

O seu sexo em si não pode ser fator concludente nem excludente.

Pode ser homem. Como pode ser mulher.

O que importa é que também aqui seja definido. Se homem, homem; se mulher, mulher.

Sem oscilações. Sem indecisões. Sem zonas fronteiriças.

Porque precisará ser firme.

Não se impõe que seja um gênio, um sábio.

Não precisa estar na categoria dos superdotados, dos excepcionais para mais. Terá de ter bom senso, critério.

Escolherá seus auxiliares. Que mereçam sua confiança, evidentemente.

Mas que não se confinem a ter sua confiança pessoal. Deverão inspirá-la a quantos os conheçam, a quantos dependam de suas atitudes, de seus procedimentos.

Será de família. Respeita-la-á. Quem não acata a sociedade natural, não tem razão íntima alguma para aceitar outras formas de organização social.

O parentesco, porém, não será pretexto para beneficiar os seus. Pelo contrário até: deles exigirá mais, com eles será mais intransigente. Porque a justiça começa em casa, o equilíbrio se firma no lar.

Óbvio que deverá ser honesto. Incrível que pareça, isto passou a ser condição para se escolher. O que deveria ser obrigação indiscutível, inexceptionada, para todos, passou a ser distintivo, privilégio de alguns poucos.

Vá lá, porém, para que não pareça dúvidas. Será honesto. E honestidade não é apenas o respeito às coisas alheias, aos valores que não são seus individualmente.

Honestidade vai além. É coerência, dignidade, compostura. Há formas de corrupção em que o vil metal não entra diretamente.

É desonesto, por exemplo, o que

promete e não cumpre. O que engana, o que mistifica.

Portanto, precisamos de alguém que seja honesto. Limpo nos bolsos, limpo na alma e na consciência.

Terá autoridade. Isto não quer dizer força, violência, truculência.

Também não quer dizer lassidão, fraqueza, vacilação.

Será firme nas suas decisões. Terá coragem para mantê-las. A todo transe. E a mesma coragem para voltar atrás, quando perceber não estar de todo certo.

Não fará divisões entre privilegiados e perseguidos. Procurará ser justo. Imparcial. Sereno. Capaz, porém, até de explodir quando valores a ele (ou ela) confiados forem ameaçados ou agredidos.

Não cortejará o aplauso fácil e até venal dos circunstantes. Preferirá que a posteridade lhe faça justiça e nele tenha exemplos e inspiração.

Não se submeterá a arranjos, conluios, maquinações, cambalachos.

Porá de lado os áulicos, os cortesãos, os esparadrapos humanos, tomados de uma irresistível atração para grudar, para aderir.

À adesão dos aproveitadores preferirá a crítica salutar dos adversários bem-intencionados.

Não se deixará corromper no exercício de seu mister. Muito menos o usará como instrumento de corrupção.

Não jogará a culpa de seus erros nos ombros de quem obedecer as suas or-

dens. Dividirá, com seus auxiliares e amigos, os êxitos obtidos na caminhada.

Será severo e sereno. Equilibrado e seguro. Prudente e corajoso ao mesmo tempo.

Se for necessário, tentará o impossível. Não jogará, porém, as esperanças de muitos no inviável, no alucinatório, no fantástico.

As palavras serão menos importantes que sua palavra como tal.

O que disser, será compromisso, mesmo que não haja documento escrito a registrá-lo. Não procurará sua imagem nos espelhos retocados dos palácios, mas procurará vê-la refletida nos olhos e nos rostos dos que nele (ou nela) tiverem confiado.

Preocupar-se-á em corrigir, em consertar se, nessa face, vir a mágoa, o desapontamento, a desilusão.

Não prometerá o que não possa cumprir. Não ouvirá nem entoará o canto das sereias.

Compreenderá que a melhor forma de mandar é obedecer. Obedecer no sentido de atender ao que é justo. De voltar-se para quem tem a voz mais fraca, mas os argumentos mais fortes.

Abandonará suas conveniências, seus interesses pessoais. Encarnará os daqueles que o fizerem seu representante.

Poderá receber a crítica impiedosa dos interesses contrariados. Para isto, terá coragem. Sua entrada, porém, através do portal da História inspirará os que tiverem o seu nome, o seu sangue, o seu ideal.

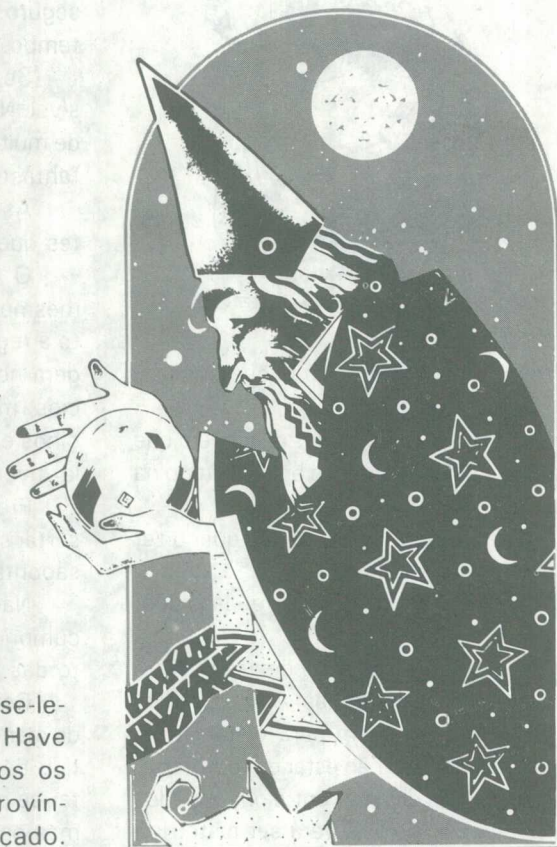
Estes são alguns dos requisitos que precisamos encontrar em quem nos venha a reger proximamente.

Que tenha competência e, mais que esta, a sabedoria de aconselhar-se com prudência e elevação.

Se não encontrarmos uma pessoa assim, dentre cento e trinta milhões que somos, então é que realmente chegamos no fim do poço, sem saída e sem esperanças!

A ELEIÇÃO DOS MÁGICOS

V. J. Berkenbrock



O povo do reino do Nada-se-leva-a-sério estava feliz. Haveria eleições. Seriam escolhidos os novos mágicos oficiais das províncias. Era um cargo muito cobiçado. Muitos o desejavam e por isso era costume no reino, de tempos em tempos, fazer eleições. Muitos eram os que se apresentavam a candidatos. Depois de definidos os candidatos e as regras para a eleição, partiu-se para a campanha. Os candidatos corriam de aldeia em aldeia para exibir suas magias e convencer os camponeses e urbanos que suas magias eram infalíveis. Muitos queriam apreciar as magias, outros corriam atrás dos candidatos na esperança de que fizessem uma magia a seu favor. Era uma alegria geral. Os mágicos de fato eram muito bons. Encantavam o povo. Não havia magia que eles não prometessem que sabiam fazer. E davam demonstrações muitas: faziam aparecer dinheiro, desaparecer fatos, sumir desân-

mos e brotar esperança. E não era só isso. Muitas magias eram prometidas para um futuro bem próximo, caso o povo votasse neles. Os mágicos eram muitas vezes interrogados pelo povo sobre como fazer tal magia. E, num encanto de palavras, demonstravam o que com certeza iria acontecer.

O cargo do mágico da província do reino do Nada-se-leva-a-sério era uma posição privilegiada. O reino tinha uma série de aparelhos de magia que estavam à disposição do mágico. Estes aparelhos eram muitos e permitiam fazer uma série de encantos e magias por todos os cantos. Cada mágico-candidato desejava ardentemente possuir estes aparelhos. Muitos eram também os que dese-

javam ser ajudantes do mágico da província, pois estes lhes confiaria os cuidados de um desses aparelhos. Na verdade, a existência destes aparelhos era um dos grandes motivos pelos quais muitos se apresentavam como candidatos a mágico de província.

Finalmente chegou o dia das eleições. O povo todo correu para eleger o mágico de sua província. Os eleitos se alegravam, os derrotados choravam e acusavam os vencedores de terem usado a magia para se elegerem, o que não era de todo impropriedade. Mas depois da eleição o povo começou a observar uma coisa: os eleitos não mais falavam em magias, apenas brigavam entre si pela divisão dos aparelhos. Todos os que haviam ajudado na eleição queriam um aparelho para si e o povo foi para casa triste, esperando a próxima eleição, quem sabe, a do mágico do reino (CIC). ■



1898/1988 — REVISTA AVE MARIA — 90 ANOS



1898/1988 — REVISTA AVE MARIA — 90 ANOS

“Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz seu filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio, porque não havia lugar para eles na hospedaria”.

(Lc 1,6-7)

“ELE SE CHAMA:
CONSELHEIRO
ADMIRÁVEL, DEUS
FORTE, PAI ETERNO,
PRÍNCIPE DA PAZ. O SEU
IMPÉRIO SERÁ GRANDE E
A PAZ SEM FIM SOBRE O
TRONO DE DAVI E EM
SEU REINO. ELE O
FIRMARÁ E O MANTERÁ
PELO DIREITO E PELA
JUSTIÇA DESDE AGORA E
PARA SEMPRE.”

(Is 9,5-6)

DEZEMBRO 1988

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
☽ Lua minguante ● Lua nova	☾ Lua crescente ○ Lua cheia	Dia 25 - Natal		1 [☾]	2	3
4	5	6	7	8	9 [☾]	10
11	12	13	14	15	16 [☾]	17
18	19	20	21	22	23 [○]	24
25	26	27	28	29	30	31 [☽]

“Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher”

(Gálatas 4,4-5)

ORIGEM DA MORTE
E PROMESSA DE VIDA:
EVA, MARIA, A MULHER,
A IGREJA, O POVO...
O FILHO E A SERPENTE
QUEM SEMEIA A MORTE
ENTRE NÓS?
QUEM DEFENDE A VIDA?
DEUS CUMPRE SUA
PROMESSA
MAS A LUTA CONTINUA:
É PRECISO LIVRAR A
VIDA DA MORTE...

(Gên 3,1-20; Apoc 12,1-17)

JANEIRO 1989

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
1	2	3	4	5	6	7 [•]
8	9	10	11	12	13	14 [☾]
15	16	17	18	19	20	21 [☉]
22	23	24	25	26	27	28
29 [☾]	30	31				

☾ Lua minguante
• Lua nova

☾ Lua crescente
☉ Lua cheia

Dia 1 - Confraternização
Universal

Alcoolismo: doença ou "desvio de conduta intencional"?

Donald Lazo

Existe uma lei nos EUA que obriga o governo norte-americano a pagar os estudos de todo veterano de guerra durante 10 anos após ele voltar da guerra. Passou dos 10 anos, o governo não paga mais... a não ser que o veterano tenha alguma doença não causada por "um desvio de conduta intencional".

Quem administra esses pagamentos de estudos para os veteranos é uma agência do governo chamada Administração de Veteranos (VA). E, acontece que, na opinião da VA, o alcoolismo é causado por um desvio de conduta intencional. Ou seja, a VA considera que o beber do alcoólatra (que levou-o ao alcoolismo), é quase sempre intencional e não um ato involuntário resultante de uma compulsão incontrolável.

Alguns anos atrás, dois veteranos de guerra do Vietnã, ambos alcoólatras recuperados, que haviam continuado a estudar além dos 10 anos, decidiram cobrar do governo esses estudos, afirmando que tinham esse direito porque o alcoolismo é uma doença e portanto eles eram pessoas doentes. A VA recusou-se a pagar, dizendo que, na sua opinião, seu alcoolismo era causado por um desvio de conduta intencional. A VA ganhou a causa; os dois veteranos apelaram; a VA ganhou de novo; os dois apelaram de novo e continuaram apelando até que o caso, finalmente, foi parar

na Corte Suprema. Muitas pessoas interessadas no caso confiaram que agora, finalmente, a Corte Suprema iria dar o aval da lei à afirmação de que o alcoolismo é uma doença.

Ao invés disso, a Corte Suprema se recusou a decidir se o alcoolismo é doença ou não, explicando que isso cabia aos médicos e que os médicos ainda não estavam de acordo sobre o assunto. É verdade. Muitos médicos dizem que o alcoolismo é uma doença, mas muitos outros dizem que não é. E a Corte Suprema disse que até que os médicos não estivessem de acordo, ela mesma não iria se pronunciar sobre a polêmica. Portanto, disse a Corte Suprema, a VA tinha direito à sua opinião: a de que o alcoolismo, doença ou não, era causado por um desvio de conduta intencional.

Os jornais e a televisão do mundo inteiro explodiram com manchetes dando a entender que a Corte Suprema havia decidido que o alcoolismo não era uma doença. Estava muito longe da verdade, mas todos sabemos que o sensacionalismo vende jornais e programas de televisão. Que tragédia que o mundo tenha sido levado a ter uma idéia totalmente distorcida da realidade sobre um assunto de tamanha importância!

O que estava em discussão não era se o alcoolismo era ou não doença. O que estava em discussão era se, quando um alcoólatra bebe, o faz impelido por uma compulsão incontrolável ou o faz intencionalmente.

É fundamental distinguir entre o beber de um alcoólatra e seu alcoolismo (sua dependência ao álcool). Pois é um fato que o alcoólatra que bebe não consegue controlar a progressão de sua dependência. E também é verdade que o alcoólatra não pode controlar seu beber (isto é, o quanto ele bebe). Mas o alcoólatra — quan-

do quiser — pode decidir abandonar a bebida para sempre, e assim deter (isto é, recuperar-se) de sua doença.

Num programa de TV que eu vi, um psiquiatra explicou a diferença entre o bebedor normal e o alcoólatra, dizendo que quando o bebedor normal vai a uma festa, ele pode escolher entre beber ou não, enquanto o alcoólatra não tem escolha — ele tem que beber.

Quero discordar em voz alta. *O alcoólatra tem escolha!* (Os únicos alcoólatras que não têm são aqueles poucos — em termos de percentagem — que estão em estágio avançado da dependência física.) A vastíssima maioria pode recusar-se a beber. (É o que eu faço há 23 anos). Aliás, se quiser sobreviver à doença, terá de recusar. O problema é que quase todo alcoólatra não só não sabe disto mas, escondido atrás de sua muralha de negação e protegido por seus facilitadores, sequer sabe que é um alcoólatra.

A Administração de Veteranos do governo norte-americano considera que o alcoolismo quase sempre resulta de um desvio de conduta intencional e a Corte Suprema determinou que até que os médicos se ponham de acordo, essa política da VA é aceitável, acrescentando que "o consumo de álcool (por um alcoólatra) não é considerado inteiramente involuntário".

Parece-me que estou entre a pequena minoria de alcoólatras que concorda plenamente com a Corte Suprema americana. Um dia ouvi um alcoólatra dizer que havia recaído (voltado a beber) porque, afinal, "sou um doente". Eu disse a ele que estava se aproveitando do rótulo "doença" para justificar sua volta à bebida. E acrescentei que, depois de descobrir que eu era um alcoólatra, e justamente por sê-lo, eu nunca mais experimentei a bebida. Eu tenho essa escolha. ■

DEUS NÃO É O AUTOR DA MORTE

Myrian Vallias de Oliveira Lima

Mês de novembro. Mês de Finados. Isto nos faz refletir sobre a morte. Sobre a morte e sua origem.

Lendo as Sagradas Escrituras deparamo-nos com uma verdade — ao criar o mundo não estava nos planos de Deus criar a morte (*Gn 1,1-31 e Gn 2,1-4*). "...Ele criou tudo para a existência, e todas as criaturas têm em si a salvação. Não há nelas nenhum princípio de morte, nem o domínio da morte impera sobre a terra..." (*Sab-1,13-14*). "Com efeito, Deus criou o homem para a incorruptibilidade, e fê-lo à imagem da Sua própria natureza. Por inveja do demônio é que a morte entrou no mundo..." (*Sab 2,23-24*).

Estes textos nos conduzem também a uma melhor compreensão do papel do nosso corpo. Este corpo que não deve ser idolatrado ou avilado. Por outro lado, tampouco deve ser odiado, menosprezado. Nosso corpo é a mais pura expressão do nosso ser como pessoa. É através dele que nos colocamos em relação com o mundo. É através dele que nos relacionamos com as outras pessoas.

Quando Cristo nos promete a ressurreição dos corpos no fim dos tempos, está nos mostrando que o homem é corpo e alma. A realização completa do plano de Deus se assenta na convicção da restauração do corpo pela ressurreição.

"... Todos nós, que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte. Pelo batismo sepultamo-nos juntamente com ele, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, caminhemos nós também numa vida nova. Uma vez que nos tornamos com ele num mesmo ser por uma morte semelhante à sua,



também o seremos por uma ressurreição semelhante." (*Ro 6,3-5*).

Como acabamos de ver, enquanto não chega o encontro definitivo do homem com Deus, ele procura nos encontrar através dos sacramentos, se apossando de nossa carne e fazendo com que compartilhem do Corpo de Cristo. Daí a importância de reconhecer o papel do corpo. Daí a importância de o respeitar, em nós e no nosso próximo.

Quem regeita a ressurreição da carne regeita a promessa formal de Cristo. "Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé." (*Ro 15,13-14*).

Quanto mais nos adentramos nas leituras sagradas mais nos cer-

tificamos de que Deus não criou a morte. Esta morte seguida da destruição dos corpos. Se isto aconteceu foi em decorrência da ruptura da unidade do ser pelo pecado. Foi o pecado que afastou o homem de Deus. Foi o pecado que o tornou mortal. Àqueles que reataram a aliança com Deus o que é prometido? — Participar com corpo e alma de sua glória!

Deus não é o autor da morte. Todo o nosso ser foi feito para a vida. E é de **vida** a promessa do Salvador.

"E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e este corpo mortal se revestir de imortalidade, então cumprir-se-á o que está escrito: A morte foi trágica pela vitória. Onde está ó morte a tua vitória? Onde está ó morte o teu aguilhão?" (*Ro 15,54-55*) ■

QUITUTES PARA O NATAL

Rosca econômica

Ingredientes:

3 xícaras (chá) de farinha de trigo
1 ovo
1/2 xícara de leite
3/4 xícara (chá) de açúcar
1 colher (sopa) rasa de fermento em pó
1 punhado de passas sem sementes
1 pitadinha de sal
2 colheres (sopa) de margarina

1. Bata a clara em neve, junte a gema, torne a bater e acrescente o leite e a margarina derretida.

2. Adicione os ingredientes secos, peneirados em conjunto.

3. Junte as passas e amasse muito bem.

4. Estenda com o rolo, não muito fina. Corte duas tiras de massa e trance-as. Una as pontas para formar a rosca, imediatamente, sobre uma assadeira untada com margarina.

5. Polvilhe com açúcar cristalizado, deixe repousar por quinze minutos e leve ao forno médio durante meia hora, mais ou menos.

Panetone

Ingredientes:

500g de farinha de trigo
6 colheres (sopa) de açúcar
1 colherinha (café) de sal
3 ovos
2 colheres (sopa) de margarina
2 colheres (sopa) de gordura vegetal
2 tabletes de fermento (25g)
1 xícara (chá), bem cheia, de leite
1 cálice de vinho branco
100g de frutas cristalizadas
100g de passas, sem sementes

1. Misture o fermento com um pouquinho de farinha, água e açúcar e deixe repousar uns quinze ou vinte minutos.

2. Numa vasilha grande, coloque o fermento e todos os demais ingredientes, menos as passas e as frutas cristalizadas. Bata muito bem até levantar bolhas.

3. Deixe crescer durante quarenta minutos.

4. Junte as frutas cristalizadas picadas e as passas, ponha a massa em forma untada com margarina e polvilhada com farinha de trigo.

5. Ponha uma bolinha de massa num copo com água. Quando a bolinha subir, acenda o forno e espere mais quinze minutos.

6. Com uma tesoura, dê uns piques em formato de cruz e vire as pontinhas.

7. Pincele com gema e leve ao forno quente.

Pudim de nozes

Ingredientes:

1 xícara (chá) de açúcar
4 xícaras (chá) de miolo de pão amanhecido e picado
1/2 litro de leite
2 colheres (sopa) de manteiga
1 lata de leite condensado
4 ovos
1 xícara (chá) de noz picada

1. Caramelize uma forma de pudim com o açúcar e reserve.

2. Leve ao fogo o miolo de pão, o leite e a manteiga até ferver. Deixe esfriar.

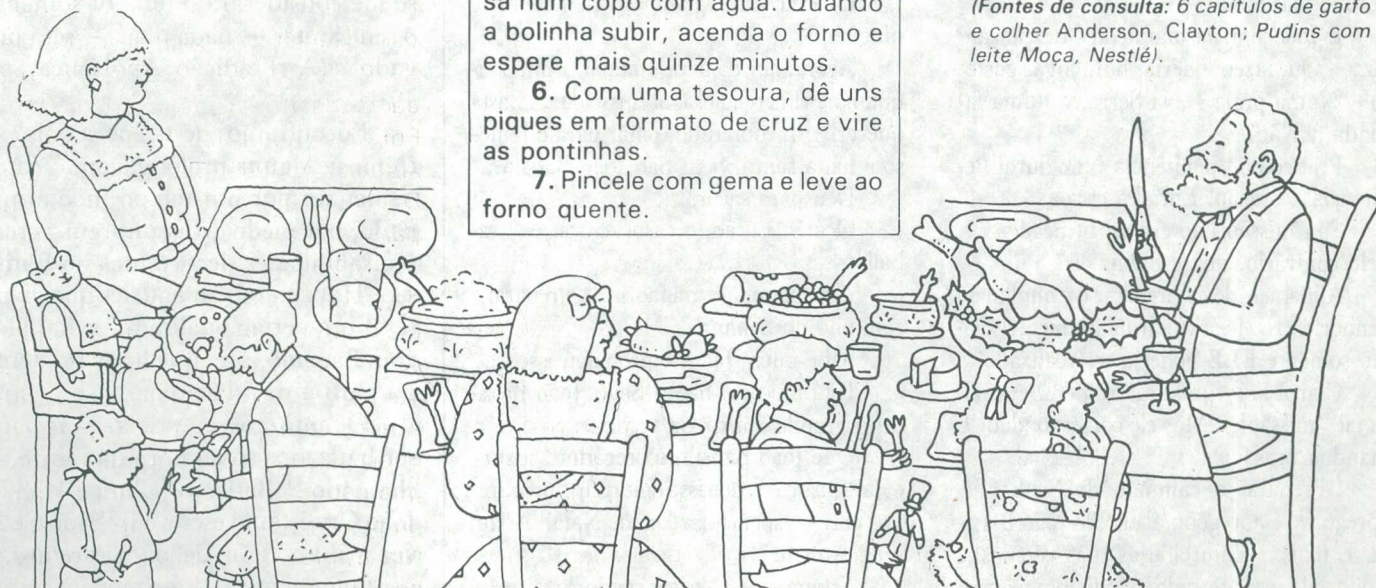
3. Bata no liquidificador e acrescente o leite condensado e as gemas.

4. Bata as claras em neve e acrescente-as à mistura, junto com as nozes, mexendo levemente.

5. Despeje na forma caramelizada, cubra com papel alumínio e leve ao forno médio, em banho-maria, por 1 hora e 30 minutos.

6. Desenforme depois de frio, e sirva gelado.

(Fontes de consulta: 6 capítulos de garfo e colher Anderson, Clayton; Pudins com leite Moça, Nestlé).



ADVENTO: PREPARAÇÃO

Pe. André Carbonera, cmf

Incrível! A todo o vapor, dirigimo-nos para o final de mais um ano...

Liturgicamente, estamos começando outro ano.

Todos já o sabem: O término do chamado "Ano da Igreja" não coincide com o fim do "Ano Civil."

A primeira etapa do Ano Eclesiástico recebe o nome de ADVENTO.

Advento quer dizer "vinda, chegada..." Claro: Vinda e chegada do Menino Jesus.

Trata-se de um tempo especial. Pelo menos, "deveria" ser especial...

Nesta época, como nunca, recordamos a extraordinária figura de João Batista, ou melhor, São João Batista, isto é, "SEU" João Batista!...

João Batista foi o "precursor" de Jesus. Batista **preparou** o aparecimento do Salvador.

Destaquei a palavra "preparou..." E com toda a razão. "Seu" João Batista, antes de falar com os outros... antes de ensinar os outros... antes de "preparar" os demais, ele, pessoalmente, foi se "preparar", através de muita penitência e de muita oração.

É aquela velha história: "Ninguém dá do que não tem!..."

E João Batista não ficou "descansando..." Ou, fazendo férias num lugar gostoso... Numa praia... Na Serra... Numa fazenda... Não!

Praticou a "penitência", no duro! Penitência e oração! Em alta escala!

Sua missão não era de brincadeira... Pelo contrário, quase divina...

Afinal, ele devia preparar o caminho do Senhor!... E o fez extraordinariamente! Como somente **ELE** poderia ter realizado!

Claro! Foi "preparado" por Deus para tal "missão"... Mas ele correspondeu. E mandou brasa...

"Preparai o caminho do Senhor!", apregoava e apregou o austero João Batista. E mais: "Endireitai as suas veredas... Todo vale será aterrado, e todo monte e ou-

teiros serão arrasados... Tornar-se-à direito o que estiver torto (Lucas, 3,4-5)!..."

"Joãozinho" atacou o orgulho, a vaidade, a inveja, o egoísmo...

Não apenas isso! Condenou a preguiça, a desonestidade, a luxúria, o "amiguamento", o "ajuntamento", os pecados matrimoniais, etc., etc., etc...

"Seu" João Batista não teve pêlo na língua... Ele precisava "preparar" o caminho do Senhor Jesus...

E porque "ele" não foi "político", ou, não ficou em cima do muro, hum!..., hum!..., perdeu a cabeça!...

Sim! "Seu", ou, São João Batista foi bestamente assassinado... E assassinado por ordem de um "chefão" corrupto, bêbado e sem moral!...

Não obstante, o Joãozinho continua a clamar e a proclamar: "preparai o caminho do Senhor!..."

Pois é!... Adianta pintar casa, e fazer roupa nova, e armar pinheirinho, e arrastar Papai Noel, e fazer festinhas, e dar abraços e beijinhos, e não MUDAR, UM POUQUINHO, A VIDA INTERIOR, A VIDA ESPIRITUAL?!...

São João Batista continua "berrando": "Preparai o caminho do Senhor!..."

Olhe, tchê, ninguém espera milagre de ninguém!...

Agora, que dá para "mudar", um pouquinho a vida religiosa, ah!, isso dá!... Basta querer!... E sobretudo, olhar para o famoso e baita santo, Seu, São João Batista!... Deu para sacar?!...

Ocá!... Então, o caso, agora, é "trabalhar!..."

Arrematando o memorial: "Preparai o caminho do Senhor!..."

Sabe quem falou e propalou isso?!... Está na cara: São, "Seu" João Batista, o grande mártir da verdade!...

Que João Batista, o pregador "justo" e da "justiça" (por isso, morreu), preparenos para o espetacular Dia de Natal! Assim seja! Amém!

Estamos nos "preparando?!..." ■

O CATECUMENATO (continuação)

Dando continuidade ao nosso estudo sobre o catecumenato, veremos que a sua preparação é feita em duas etapas.

b) Primeira etapa:

A preparação remota

1) **Duração desta etapa.** "Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos" (Hipólito, *A Tradição Apostólica*, pg 49). Pode parecer um período muito longo, mas a perseguição ainda recente na Igreja, causava muitas desistências. Assim sendo, era preciso assegurar melhor a fé dos candidatos ao Batismo.

A entrada no catecumenato significava já pertencer à Igreja e os catecúmenos podiam participar da Liturgia da Palavra. A questão do tempo de preparação era às vezes relativa. Diz Hipólito: "Se algum dos catecúmenos for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter — nada mais — será julgado" (*A Tradição Apostólica*, pg 49).

Encontramos nesta época dois extremos: Alguns prolongavam o catecumenato por um tempo indeterminado, por medo de assumirem as responsabilidades decorrentes do Batismo. Havia também aqueles que diante de um perigo qualquer, pediam logo o Batismo, sem que houvesse tempo para a devida preparação.

Quanto aos que deixavam para ser batizados só na hora da morte, o chamado "Batismo Clínico", São João Crisóstomo escreveu: "Não é talvez o último grau de loucura retardar continuamente o Batismo? Escutai,

O Batismo na Antigüidade

Pe. Eugênio Pessato, cmf.

vós catecúmenos que retardais a vossa salvação ao último suspiro.” (Homilia 18).

Havia também o caso de famílias que inscreviam os filhos pequenos, mas deixavam o Batismo para a idade adulta.

2). As instruções durante o catecumenato. Havia instruções dadas pelos catequistas “doutores”, na sua maioria leigos. Eram feitas antes das celebrações. Os catecúmenos participavam da Liturgia da Palavra, e ao final se separavam dos demais fiéis.

É necessário, e isto precisa ficar claro, que participavam de toda a missa somente os que já eram batizados, os que ainda não eram, participavam somente da celebração da Palavra.

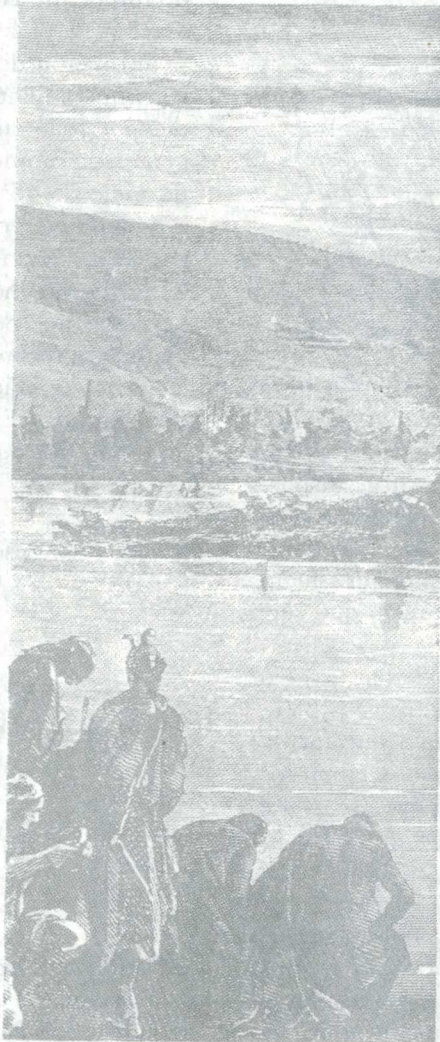
A catequese dos catecúmenos, consistia em um ensinamento, uma oração, e alguns elementos rituais (como imposição das mãos, feita pelos catequistas leigos). Isto já constituía fundamentalmente a iniciação cristã integral.

c) Segunda etapa:

Preparação imediata e decisiva

Já no terceiro século, a preparação próxima ao Batismo parece coincidir com o tempo da quaresma. No quarto século, isto já é absolutamente certo, pois toda Quaresma está organizada em função do último passo dos catecúmenos em direção ao Batismo.

1) O segundo exame e a inscrição do nome. Na vigília do primeiro domingo da Quaresma os catecúmenos davam seu nome ao sacerdote encarregado desta missão e no domín-



go havia uma cerimônia solene presidida pelo bispo, que constava de um exame e da inscrição do nome.

Os catecúmenos eram chamados um a um para o meio da assembléia, na frente do bispo e aí eram submetidos a um segundo exame, bem diferente do primeiro.

São pedidas informações sobre a conduta dos catecúmenos durante o período de seu catecumenato: “Escolhidos os que receberão o Batismo, sua vida será examinada: se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se

honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se praticaram boas ações.” (Hipólito de Roma, A Tradição Apostólica, pg 50).

O bispo então interrogava, um a um, os acompanhantes (ou seja, os padrinhos) dizendo: “Tem ele vida virtuosa, honra os pais, não é alcoólatra ou impostor? Interroga sobre cada um dos vícios que são graves em um homem. E se o catecúmeno for julgado digno diante de tudo o que foi perguntado, o bispo na presença das testemunhas (padrinhos), registra-lhe com a própria mão, o nome.

Mas, no entanto, se for acusado de algo, ordena-lhe que saia, dizendo-lhe que se corrija e, quando se tiver corrigido, que se apresente então ao Batismo.

O mesmo interrogatório, é válido para os homens, como para as mulheres. E se algum deles é estrangeiro, a menos que tenha uma testemunha que o conheça, não conseguirá facilmente o Batismo.” (Peregrinação de Etéria, Vozes, 1971, págs. 111-112).

Os padrinhos, em nome da comunidade, são os que julgam sobre a conversão e sinceridade dos catecúmenos, tendo para isso que acompanhar toda a preparação do afilhado.

Assim, fica comprovado, que a preparação do Batismo era tarefa tanto do padre, como dos leigos ou seja dos padrinhos, e que a preparação sem o acompanhamento e participação de toda a comunidade não tem grande valor.

Tudo isto, é uma lição para nós hoje, que muitas vezes, não levamos a sério em nossas comunidades a catequese batismal. Após a aprovação do Batismo, os catecúmenos tinham reuniões diárias durante toda a Quaresma, acompanhadas de orações. ■

ALEGRAI-VOS! O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO

3.º domingo do advento
11/12/88

1.ª leitura: (Sf 3,14-18a)

Sofonias é escolhido por Deus para pregar antes do reinado de Josias, onde a miséria moral e a ameaça Assíria se constituíram em dois grandes problemas. Portanto, sua mensagem será, num primeiro momento, de índole bastante pessimista, anunciando que o Dia de Javé não vai tardar e trará consigo o castigo de Judá e das nações; apenas um pequeno resto escapará do drama. Já, num segundo momento, Sofonias vê surgirem lampejos de esperança, pois o Rei Josias surge disposto a executar sérias reformas e a Assíria, devido a problemas políticos, deixa de ser uma ameaça imediata. Então o profeta anuncia melhores dias para Jerusalém em dois pequenos poemas (3,14-15 e 16-17) que servem de conclusão à sua mensagem.



O enfoque central destes poemas (e da leitura) é o convite à ALEGRIA dirigido a Jerusalém. O profeta anuncia uma grande festa que se justifica pela reforma de Josias e o recuo Assírio. Em ambos acontecimentos Javé se fez presente fazendo com que o povo escapasse da guerra e permitindo, graças a seu amor, que a Aliança retome novo vigor com Josias.

2.ª leitura: (Fl 4,4-7)

Paulo, estando prisioneiro recebeu o auxílio de Deus e dos cristãos de Filipos. Ao escrever exorta-os a ler nos acontecimentos a presença de Deus cuja proximidade é razão de ALEGRIA e de carinho para com todos os homens. A proximidade do Senhor é uma presença de Deus na vida cristã de cada dia, até a Parusia. Vivendo nessa proximidade, vive o cristão na tranquilidade, na paz, na oração e na alegria.

Evangelho: (Lc 3,10-18)

No Evangelho João prega e batiza para a conversão, não só em sentimentos, mas em atos que impliquem uma volta ao caminho de Deus. Lucas cita exemplos para três situações (3,10-14) exigindo caridade, justiça e humanitarismo. Já em 3, 15-18 encontramos claramente a vocação profética de João que consiste em preparar a vinda do Messias.

Comentário

A Liturgia de hoje está voltada para o tema da ALEGRIA em celebrarmos a esperança da vinda do Senhor. Ora, a alegria de Deus só se torna palpável em nós,

quando realmente a desejamos em nosso meio. O sentimento de viver na presença do Senhor deve produzir no cristão não apenas uma profunda alegria, mas também, um novo tipo de relacionamento com seus irmãos. Muitos concebem a fé apenas numa visão “verticalista” onde o que importa é o relacionamento entre um “eu” e Deus. Mas no Evangelho João é bem claro quando impõe um comportamento preciso em sinal de conversão: não fazer do egoísmo o critério das ações, não se aproveitar do ofício ou da profissão para se enriquecer injustamente. Podemos resumir as “normas” dadas por João em uma palavra: ser gente. Esta é a exigência do momento quando o Reino de Deus acontece no meio de nós. O fato de não fazer do próprio “eu” a razão de ser da vida já é um sinal suficiente de conversão ao Reino.

Ouvimos hoje um apelo para nos libertar de nossos egoísmos pessoais e grupais. Se assim o fizermos Deus será reconhecível como aquele que é forte em nós e em nosso meio, e nossa própria existência e comunidade serão o Evangelho por excelência.

DIA 12, 2.ª-f.: Gl 4,4-7; Lc 1,39-47. DIA 13, 3.ª-f.: Sf 3,1-2.9-13; Mt 21,28-32. DIA 14, 4.ª-f.: Is 45,6b-8.18.21b-25; Lc 7,19-23. DIA 15, 5.ª-f.: Is 54,1-10; Lc 7,24-30. DIA 16, 6.ª-f.: Is 56,1.3a.6-8; Jo 5,33-36. DIA 17, SÁBADO: Gn 49,2.8-10; Mt 1,1-17.

JESUS, FILHO DE MARIA

4.º domingo do advento
18/12/88

1.ª leitura: (Mq 5,1-4a)

Belém é a menor entre as cidades de Judá, que terá a fama de dar o Messias prometido pelos profetas, aquele que estenderá seu reino de paz até “os extremos confins da terra”. Humildes e pastores são também as origens de Davi. O messianismo de Miquéias compartilha, portanto, as esperanças colocadas por Isaías na raça davídica, onde o futuro Messias é apresentado mais como o descendente do Davi pastor de Belém do que do Davi glorioso da cidade real. Portanto, humildes e pobres são os primeiros portadores da esperança e da salvação.



2.ª leitura: (Hb 10,5-10)

O autor da epístola aos hebreus compreende a morte de Cristo como a plenificação do culto sacrificial do An-

tigo Testamento. Todos os antigos sacrifícios prefiguram o sacrifício de Cristo, que nos santifica uma vez para sempre. A partir do sacrifício de Cristo não haverá senão uma religião em "Espírito e verdade" (Ef 5,2). A validade do sacrifício do Cristo não está na sua morte por parte dos homens (isto não é agradável a Deus), mas na sua vontade de selar com a morte a decisão tomada ao entrar no mundo. É só sob esse aspecto que o seu sacrifício pode ser em si mesmo agradável a Deus e capaz de santificar os que creem.

Evangelho: (Lc 1,39-48a)

No evangelho vemos o encontro entre Maria e Isabel e indiretamente entre o precursor e o Messias. Isabel saúda em Maria sua fé e o bendito fruto de seu ventre. É para Maria a primeira bem-aventurança evangélica. Pela fé de Abraão começa a obra da Salvação; pela fé de Maria, o definitivo cumprimento dela. Maria entoava um canto de ação de graças a Deus. Ambas as partes do diálogo fazem parte das mais queridas orações do povo cristão: a Ave-Maria e o Magnificat.

Comentário

A 1ª leitura nos apresenta a pequena cidade de Belém que se torna "grande" por causa de Javé, que cumprirá sua promessa de chamar novamente um "pastor" da casa de Jessé (Pai de Davi). A idéia principal é nos mostrar que não é a grandeza, segundo critérios humanos, que é decisiva para Deus. Isto se mostra claramente no mistério que se manifesta em Maria. Já o Evangelho enfoca dois extremos: a humildade de uma serva que vai ajudar sua prima no fim da gravidez e a grandeza de Deus que ela exalta no magnificat. Isabel ao saudar sua prima sabe que o mistério de Deus só acontece onde é acolhido na fé e na confiança total nele. A fé não se reduz a um sim, fruto de um raciocínio frio, intelectual e lógico, mas exige um engajamento pessoal numa obra cujas dimensões muitas vezes desconhecemos. Maria carrega consigo aquele que redimirá a humanidade e conhece muito bem o modo de agir de Deus que ela experimentou concretamente em sua existência. Este modo de agir é expresso no Magnificat que em suma nos diz que Deus opera grandes obras naqueles que são pequenos e lhe deixam espaço para atuar. Se realmente entendêssemos, de fato, a profundidade da mensagem contida neste diálogo maravilhoso entre Maria e Isabel, muita coisa mudaria em nossa vida de fé que muitas vezes não expressa a força libertadora de Deus, fazendo com que sejamos sinais de nada. Peçamos a Maria que interceda a Deus por nós para que estejamos abertos a acolher os seus mistérios e, conseqüentemente, tudo aquilo que será decorrência deste acolhimento.

DEZEMBRO DIA 19, 2ª-f.: Jz 13,2-7.24-25a; Lc 1,5-25. **DIA 20, 3ª-f.:** Is 7,10-14; Lc 1,26-38. **DIA 21, 4ª-f.:** Ct 2,8-14 ou Sf 3,14-18a; Lc 1,39-45. **DIA 22, 5ª-f.:** 1 Sm 1,24-28; Lc 1,46-56. **DIA 23, 6ª-f.:** Mt 3,1-4.23-24; Lc 1,57-66. **DIA 24, SÁBADO:** 2 Sm 7,1-5.8b-12.14a.16; Lc 1,67-79.

A PALAVRA DE DEUS SE FEZ CARNE

Natal do Senhor (missa do dia)
25/12/88

1ª leitura: (Is 52,7-10)

Os reis de Israel abandonaram o povo, não sendo capazes de trazer a salvação. Deus, ao contrário, não o abandona. Ressoa agora a boa-nova: "Deus é rei", e não só de Israel e Judá, mas de todos os povos. É o próprio Deus que vem reinar e não mais apenas um filho de Davi. Ele outorgará liberdade e paz, se for reconhecido e sua oferta aceita.

2ª leitura: (Hb 1,1-6)

A Revelação que Deus, ao longo da história da salvação faz aos homens, chega ao seu ponto máximo com a vinda de Cristo (Natal). Cristo, considerado em si mesmo, é a irradiação da glória e a imagem da substância do Pai. Ele venceu a morte e o pecado e a glória do Pai se manifestou nele. A fé na sua obra redentora e glorificação junto ao Pai é a base da esperança de nossa própria "arrematação". Ele (o Cristo) supera a tudo e a todos sendo um ato de comunicação de Deus: Sua Palavra. Para o autor de Hebreus, Jesus é a palavra definitiva de Deus, depois de tantas palavras provisórias, incompletas, que nos vieram através dos profetas.

Evangelho: (Jo 1,1-18)

João faz o elogio do Verbo, tal como o fazia o Antigo Testamento a respeito da Sabedoria. O verbo é o desígnio de Deus, que habita em Deus, que faz parte de Deus (vv.12), mas que se realiza, progressivamente, na criação e em tudo o que acontece (v.3). Esse desígnio de Deus podia ser lido no mundo, mas não o foi; podia ser lido pelos seus, os judeus, que dispuñham da Palavra da Lei e dos Profetas, mas eles não o fizeram (v.11). Encarnou-se, então, em Jesus (v.14) e aqueles que o acolheram, judeus ou pagãos, serão filhos de Deus (vv.12s). O desígnio de Deus, em toda a sua transcendência e glória, manifestou-se, portanto, no mundo, sua criação e sua história, e em Israel, sua lei e seus profetas. Realizou, finalmente, sua vontade de imanência ao encarnar-se em Jesus e animar todos aqueles que desejam viver como filhos de Deus.

Comentário

Jesus não é um mito, não é uma simples tradição, não é uma fábula. Jesus é parte verdadeira da história humana. Faz-se mister que entendamos o sentido teológico da vinda de Cristo que, por si só, não destrói o lado festivo e poético do Natal, mas apenas o redimen-



siona, colocando-o em seu devido lugar. São João, em seu Evangelho, nos dá uma visão profunda do mistério da Encarnação do Verbo, incluindo a mesma no plano da história da Salvação. Assim como através do Verbo eterno foi esboçada a primeira criação, pela obra da Encarnação do mesmo Verbo advém uma nova criação: o homem adquire a condição de filho de Deus; a relação homem-Deus que o pecado havia rompido, é restabelecida em Cristo.

Sem dúvida alguma, Cristo é o modelo do ser humano plenamente realizado. Assumindo a condição humana vem nos mostrar como devemos viver; ao colocar a vontade do Pai em primeiro lugar, ensina-nos que o Pai deve ser o centro da existência humana, a última palavra que orienta o agir humano. Ao proclamar o mandamento do amor, ensina-nos que somos irmãos e como tal devemos caminhar. Portanto, aceitar o Cristo significa, sobretudo, assumir que somos filhos de um mesmo Pai e, portanto, irmãos, como também, as exigências que disto decorre. Se estivermos abertos a assumir a proposta de Cristo certamente o Natal acontecerá em cada um de nós significando muito mais que uma simples festa, ou coisa parecida...

Valdinei de Jesus Ribeiro, cmf.

DEZEMBRO DIA 26, 2ª-f.: At 5,8-10; 7,54-59; Mt 10,17-22. **DIA 27, 3ª-f.:** 1 Jo 1,1-4; Jo 20,2-8. **DIA 28, 4ª-f.:** 1 Jo 2,3-11; Lc 2,22-35. **DIA 29, 5ª-f.:** 1 Jo 2,3-11; Lc 2,22-35. **DIA 30, 6ª-f.:** prs. Ecl 3,3-7; 14-17a; Cl 3,12-21; Lc 2,41-52. **DIA 31, SÁBADO:** 1 Jo 2,18-21; Jo 1,1-18.

O TEMPO DO NATAL

“Hoje sabereis que o Senhor vem e nos salva; amanhã vereis a sua glória”. Esta é a antífona de entrada da missa da vigília do Natal, festa do nascimento de Jesus, festa da salvação e da paz.

Após termo-nos preparado, pelo advento, às festividades natalícias, iniciamos um novo tempo litúrgico com a missa da vigília do Natal, que durará até a festa do Batismo do Senhor.

A celebração do Natal surgiu no século IV diante de uma festa pagã chamada a festa do Sol invencível (Natale Solis invictus), introduzida pelo imperador Aureliano, no ano 274, para todo o império. Para os cristãos, Jesus que nasce, é o verdadeiro “Sol de justiça”, como ele é chamado já no Antigo Testamento (cf. Ml 3,20). No Novo Testamento, Cristo refere-se a si mesmo com o título de “Luz do mundo” (Jo 8,12) e segundo o evangelista S. João, no prólogo de seu evangelho, Jesus é “a Luz verdadeira que ilumina todo ho-

mem” (Jo 1,9). Portanto, o Natal celebra a manifestação de Deus em seu Filho Jesus Cristo que se encarna, nasce de uma virgem e anuncia ao mundo a chegada de um novo tempo: a chegada do Reino de Deus — Reino da luz, da paz e da salvação.

É precisamente isto que a antífona da missa da aurora canta: “Hoje surgiu a luz para o mundo: o Senhor nasceu para nós. Ele será chamado Admirável, Deus, Príncipe da paz, Pai do mundo novo, e o seu reino não terá fim”.

Dentro deste tempo natalício, a Igreja celebra, ainda, outros aspectos deste mistério da encarnação do Verbo de Deus. O segundo aspecto a ser recordado é o fato de Jesus ter nascido em uma família, como todos nós, e a participação de Maria e José para a realização deste Plano de Salvação de Deus. A antífona de entrada desta missa diz: “Vieram apressados os pastores e encontraram Maria com José, e o Menino deitado no presépio”.

Se é importante a atuação da família de Nazaré neste grande mistério de nossa salvação, é particularmente ressaltada a participação de Maria como a mãe do Filho de Deus. Por isso é que no dia 1º de janeiro a liturgia nos apresenta a festa de Maria, mãe de Deus. De fato, foi Maria, que com o seu sim disponível acolheu a mensagem do anjo e como serva do Senhor esperou com amor que Jesus nascesse de seu seio. Por isso a liturgia canta os louvores de Maria: “Salve, ó Santa Mãe de Deus, vós destes à luz o Rei que governa o céu e a terra pelos séculos eternos”.

Uma outra festa celebrada neste tempo é a Epifania do Senhor, isto é, a sua manifestação ao mundo. Esta festa nasceu no Oriente, antes mesmo da festa do Natal celebrada no Ocidente. E mesmo hoje é esta a festa que tem maior destaque no Oriente. A antífona de entrada assim canta este mistério: Eis que veio o Senhor dos senhores, em suas mãos, o poder e a realeza”. Nós, de fato, contemplamos neste dia, Jesus como rei visitado pelos reis magos que lhe dão os seus presentes. Ele é o rei de um novo Reino, o Reino de Deus, e por isso a respeito desta festa diz São Leão Magno: “Em todos os lugares o Reino de Deus deve ser difundido e estabelecido, o evangelho anunciado; em todos os lugares os doentes devem ser curados e os milagres realizados. Se o Verbo se encarnou em uma humilde casa, não limitou a esta casa as primícias de sua vinda — quis que todos o conhecessem, ele que nasceu para todos”.

O último aspecto deste tempo de Natal é a celebração da festa do Batismo do Senhor. Nesta celebração a Igreja recorda que Deus Pai deu a Jesus, seu Filho, uma missão. Ele, como o servo obediente, como o Filho amado do Pai, deve anunciar corajosamente a boa-nova a todos. E a nós é dado o conselho: escutem-no.

Pe. Vitor Pedro Calixto dos Santos

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)



“E JOSÉ LEVOU MARIA PARA SUA CASA” (MATEUS 1, 24).



Puxa, José! Já estou ficando preocupada. Estamos no primeiro domingo do Advento e ainda não comecei a fazer os cueiros do menino...!

Já me decidi... Vou ser IRMÃ CANISIANA



Para me consagrar a Deus no “SERVIÇO À PALAVRA DE DEUS”, que leva o homem a uma realidade mais humana e menos injusta.

Para tomar a defesa dos pobres, dos que necessitam ser evangelizados, vou trabalhar na evangelização: catequese, missões, paróquias, livrarias e colégios.

SERVIÇO SOCIAL:

creches, cursos semi-profissionalizantes e com famílias carentes

E você, também pensa como essa jovem?

Venha conosco porque ela já é uma das nossas.

**SECRETARIADO
VOCACIONAL**

Irmãs de São Pedro

Canísio

Cx. Postal 12

12.570 - Aparecida - SP

JOSÉ DO EGITO

Norma Termignoni

Coloque nos tracinhos numerados abaixo o que se pede ao lado dos mesmos. Uma vez preenchidos os tracinhos, transporte as letras para o diagrama, seguindo o número que lhe é correspondente. Você obterá uma frase do capítulo 37 versículo 28 do livro do Gênesis. (O trecho extraído é da Bíblia Ave Maria)

71 19 Símbolo do poder no A.T.: colocar os inimigos "aos" ou "sob" eles. Singular (Js 10,24)

46 07 28 49 Inveja e ciúme contra o filho predileto (Gn 30,25)

06 112 36 24 Filho de Eliab, da tribo de Rubem (Nm 16-1)

46 21 104 62 O filho predileto de Jacó e Raquel (Gn 35,23-26)

45 27 31 65 Verbo medir. Terceira pessoa do singular do presente do indicativo

70 82 40 07 Sentimento dos irmãos de José com respeito a ele (Gn 37,4)

116 16 61 93 Multidão de gente (Gn 35,11)

12 115 44 111 30 Sentimento de Jacó para com seu filho José (Gn 37,3)

26 72 50 47 11 A totalidade (Gn 37,35)

32 96 13 67 86 100 Novo nome de Jacó depois da luta com o anjo (Gn 32,28)

43 83 105 03 78 109 Mãe de José (Gn 35,24)

28 75 02 106 121 68 Cidade do centro da Palestina onde Jacó construiu um altar depois da sua reconciliação com Esaú (Gn 33,18-20)

14 58 95 29 51 123 48 Seres organizados que sentem e que se movem (Gn 31,8)

87 42 10 55 125 88 33 Profissão de Raquel, mãe de José (Gn 29,9)

22 101 38 102 99 41 76 119 Reservatório de água das chuvas (Gn 37,28)

91 97 56 05 64 120 107 23 118 37 Árvore selvagem da Palestina que pode atingir a altura até de 5 m (Gn 30,37)

15 103 34 85 66 117 20 80 73 92 Gênero de planta que cresce no Oriente Médio, empregada como afrodisíaco e como feitiço na antigüidade (Gn 30,14)

84 01 63 90 53 79 110 25 39 108 Aptidão para sentir (Gn 31,2)

98 08 114 94 52 49 18 77 09 74 59 Pastoreava, levava a pastar (Gn 30,36)

60 17 124 57 04 69 122 81 35 113 89 54 De outro país, feminino, plural (Gn 31,15)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17

18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38

39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59

60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78

79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104

105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125. (Gn 37,38)

Permissivismo e violência

Luiz Aguiar

É cada vez mais freqüente que o cidadão médio fique chocado ao ler no jornal ou ver na televisão uma grande quantidade de fatos chocantes: guerras, atos de terrorismo, seqüestro de pessoas, assassinatos, violações de direitos, roubos, assaltos e pornografia cada vez mais desenfreada. E, também, é freqüente que se pergunte: até onde isso vai chegar? quem poderá parar tudo isso?

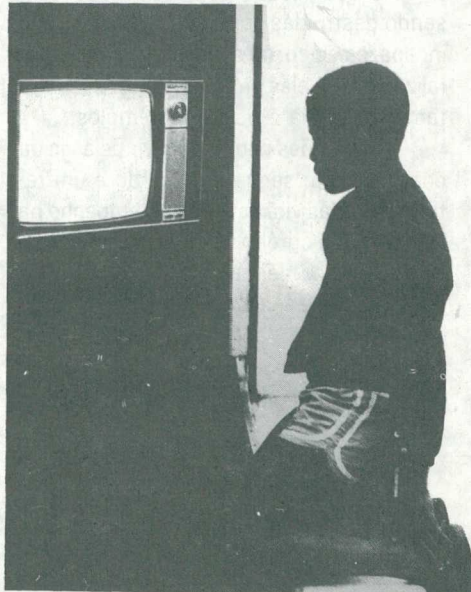
Contudo, se fizesse uma reflexão profunda, com certeza perceberia que, em boa parte, pode ser cúmplice desse estado de coisas. Cúmplice porque não reage segundo as suas possibilidades contra essas manifestações de violência e permissivismo crescentes, que cada dia o envolve mais.

É que esse cidadão médio, que é pessoalmente incapaz da mínima violência, que não mata sequer uma mosca, que mantém uma honesta vida familiar, talvez sustentada com o seu dinheiro publicações que, sem serem explicitamente violentas ou pornográficas, são pelo menos sensacionalistas, despudoradas, capazes de apagar o sentido da decência nos seus filhos e nele próprio, fazendo com que fique quase que indiferente perante tais coisas.

Assim, de vez em quando ele leva sua mulher ao teatro ou ao cinema, e se limita a comentar, diante de determinadas aberrações: que barbaridade! Mas fica na sessão de teatro, vai assistir ao filme que está na moda e que todos estão comentando com louvor. Depois, cria seus filhos, mesmo que seus recursos não sejam dos maiores, num clima de consumismo e frivolidade, deixando que em sua casa haja uma mentalidade materialista.

Ele não é fã da novela que está com grande sucesso. Diz que o nível é muito baixo e que o argumento é pernicioso: apresenta como naturais, situações anormais, mostra como valor absoluto o prazer e a burla, e muitas coisas mais. Mas, permite que durante o jantar ou outra qualquer reunião familiar, a televisão esteja ligada, presidindo a vida familiar, açambarcando a atenção de todos e dissolvendo o ambiente do lar.

Haveria muitas outras situações análogas em que qualquer cidadão se enqua-



draria, e se sentiria atingido ao fazer um balanço sobre a sua coerência: coerência entre aquilo que critica interiormente e de palavra, e que, no entanto, permite que esteja presente na sua vida diária.

É lógico concluir, perante essas constatações, que é preciso mudar de atitude. A consciência de um erro de conduta em pessoas com certa sensibilidade e um mínimo de caráter, impele a mudar. E o primeiro caminho para isso é perceber com clareza que todas as omissões e branduras sobre temas importantes vão favorecendo o cultivo da violência e da desmoralização dentro do próprio âmbito familiar. E é perceber também que o permissivismo que tanto o constrange, está intimamente relacionado com o permissivismo que ele próprio permite.

É preciso dar-se conta de que na sociedade permissiva não se reconhecem princípios éticos inamovíveis, derivados da natureza humana, que devem refletir-se nas leis no consenso geral dos cidadãos.

Na sociedade permissiva, o moral se identifica com o legal e com o sociológico. Isto é, qualquer coisa deixará de ser imoral se estiver legalizada ou aceita por uma maioria. Como há muitos que roubam, vamos legalizar o roubo e deixará de ser imoral. A lei moral fica, assim, reduzida à opi-

nião da maioria. Uma maioria que muitas vezes consiste simplesmente numa "minoridade atuante" e num esquema publicitário envolvente.

O permissivismo baseia-se na premissa de que cada um é livre para fazer o que bem entenda, sempre que não prejudique os outros. Sem dúvida, parece um argumento atraente, mas é profundamente falso e enganoso. Na realidade, não somos livres de um modo absoluto, já que temos uma série de limitações dadas por nossa própria corporalidade, e por nossos limites intelectuais e morais. Depois, o "não causar dano aos outros" é algo que não pode ficar dependente de uma interpretação subjetiva e infundada.

Vamos supor que alguém considere que uma imagem pornográfica seja algo "estético", e a coloque bem visível num lugar onde trabalha com outras pessoas. Suponhamos também que essa imagem agrida positivamente outra pessoa, que considera a pornografia como algo degradante... De acordo com o primeiro, não há violência. Para o segundo, sim.

Ou então, imaginemos uma mãe de família que tem que fazer, depois de um dia de trabalho, os serviços do lar e resolve ligar a televisão para entreter os filhos pequenos. As crianças, porém, têm acesso ao seletor de canais e escolhem um programa que favorece o consumismo, que faz chamadas muito sugestivas de roupas e brinquedos que aquela família não tem condições de adquirir.

Não demorará a constatar que esse programa produz em seus filhos efeitos negativos: entra na intimidade da família, causando um bom estrago na mentalidade, no estilo que ela queria imprimir à educação dos seus filhos.

Pensemos ainda — e é o pão de cada dia — num editor de livros e revistas pornográficos, que não se cansa de enriquecer à custa de explorar os baixos instintos dos outros; ou no agitador político que, dizendo procurar soluções para conflitos, sugere posturas radicais, sendo o seu verdadeiro objetivo a exasperação das tensões para seus próprios benefícios políticos.

Temos aí uma das mais graves mani-

festações do permissivismo, mostrando-se com todas as suas armas: o domínio dos meios de comunicação social, e a conseqüente manipulação da chamada "opinião da maioria", por pessoas que se movem por interesses econômicos, ideológicos ou políticos.

Na origem de tudo está o esquecimento de que não é o homem quem "cria" a norma moral pela qual cada homem individual e cada grupo social se deve conduzir. Essa norma já está escrita por Deus no coração humano desde a criação do mundo. Por isso, uma norma moral independente de Deus, carece de fundamento absoluto, pois não há poder humano que tenha atribuições para estabelecer o porquê das ações do homem.

Nas sociedades permissivas, a lei de Deus — que é objetiva e expressa o ver-

dadeiro bem do homem — é substituída pelos consensos mais ou menos gerais, que correspondem a estados de opinião baseados muitas vezes no egoísmo, nas pressões e na hábil manipulação de interesses pouco retos.

As sociedades permissivas acabam sendo destruídas por si mesmas, pois são incapazes de cortar a violência e a desmoralização que elas próprias geram e fomentam. A história é rica em exemplos.

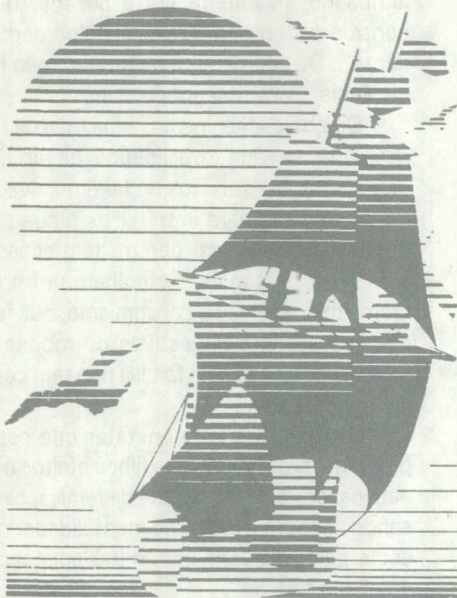
As soluções não podem vir pela via da coação física: seria um absurdo e um retrocesso. Elas virão através do empenho na formação do critério reto, no conhecimento da verdade de Deus, que iluminará as consciências e ajudará à autodeterminação dos indivíduos. Vale a pena pensar, estudar, sacudir a passividade, sair do estado de omissão e agir.

NA PAZ DO SENHOR

Em São Sebastião do Caí, RS CÔN. EDVINO PUHL aos 11/07/88. Em Sorocaba, SP. FRANCISCA MONTEIRO PONTER aos 10/06/88. Em Araguari, MG. JOÃO BATISTA MACHADO aos 19/11/87. Em Barra Mansa, RJ. ISABEL BRAZ aos 04/07/88.

RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO



P E
71 19

J O S E

48 07 28 49

D A T A

06 112 36 24

J O S E

46 21 104 62

M E D E

45 27 31 65

O D I O

70 82 40 07

P O V O

116 16 61 93

A I A V A

12 116 44 111 30

T O O S

26 72 50 47 11

L S R A E L

32 96 13 67 86 100

R A Q U E L

43 83 105 03 78 109

S I Q U E M

28 75 02 106 121 68

A N I M A I S

14 58 95 29 51 123 48

P A S T O R A

87 42 10 55 125 88 33

G L I S T E R N A

22 101 38 102 99 41 76 119

A M E N D O C E L R A

91 97 56 05 64 120 107 23 118 37

M A N D R A G O R A

15 103 34 85 68 117 20 80 73 92

S E N T I M E N T O

84 01 63 90 53 79 110 25 39 108

A P A S C E N T A V A

98 08 114 94 52 49 18 77 09 74 59

E S T R A N G E I R A S

60 17 124 57 04 69 122 81 35 113 89 54

É QUANDO PASSARAM OS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17

NEGOCIANTES MADRIANITAS

18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38

TLRARAM JOSE DA GLISTERNA

39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59

EVENDERAM NO POR VILNTE

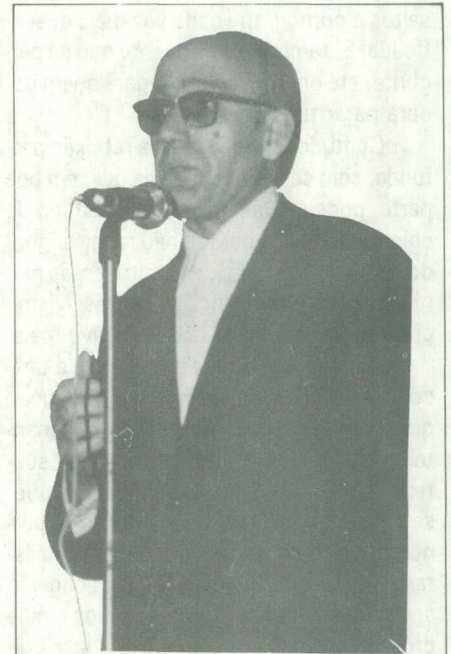
60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78

NOEDAS DE PRATA AOS ISMAELITAS

79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104

QUE OLEVARAM PARA O EGITO

105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125. (Gn 37,38)



Pe. Vicente Fernandez Blanco - cmf

Nasceu em Burgos, (Espanha), no dia 28 de setembro de 1926. Professou na Congregação dos Missionários Claretianos no dia 16 de julho de 1944. Ordenou-se sacerdote no dia 8 de julho de 1951. Faleceu em Burgos, (Espanha), no dia 2 de setembro de 1988. Dedicou 37 anos de sua vida, a serviço do Evangelho, no Brasil, longe de sua pátria e de sua família, como verdadeiro missionário, entregando toda sua vida, suas forças e energias na construção do Reino de Deus.

O forte de sua devoção era a Virgem Maria.

Que a vida do Pe. Vicente seja o grão de trigo que caiu na terra para germinar muitas vocações sacerdotais missionárias.

VOCÊ TEM UM AMIGO?

Não se esqueça dele neste
Natal! Envie um cartão
desejando-lhe felicidades e que
Deus o abençoe.

Passo o Natal deste ano com dupla felicidade e
alegria. Primeiro porque neste Natal, ao se
lembrar de alguém, um amigo, parente, um
familiar, um cliente, uma pessoa importante,
você vai mandar uma bela mensagem de Natal,
como lembrança de amizade e consideração.
Segundo porque ao comprar esses cartões de
Natal você estará ajudando na manutenção e na

formação das vocações claretianas.
Não espere o fim do ano para ser mais feliz.
Hoje mesmo faça o seu pedido. Você será
lembrado com alegria e sentirá a satisfação de
saber que está ajudando diretamente nos
estudos, na formação e manutenção de uma
centena de jovens que estão se preparando para
o sacerdócio.

Modelos novos



n.º 69 (200 x 150 mm)



n.º 70 (200 x 150 mm)



n.º 71 (200 x 150 mm)



n.º 72 (200 x 150 mm)



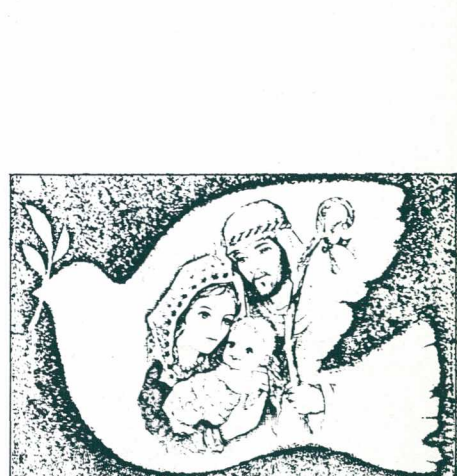
n.º 73 (200 x 150 mm)



n.º 74 (200 x 150 mm)



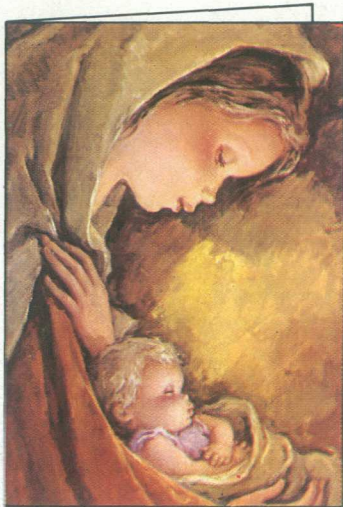
n.º 75 (200 x 150 mm)



n.º 76 (150 x 200)



n.º 29 (210 x 150 mm)



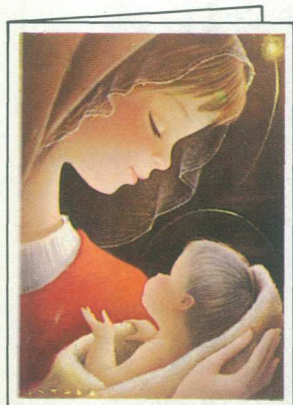
n.º 31 (210 x 150 mm)



n.º 33 (170 x 155 mm)



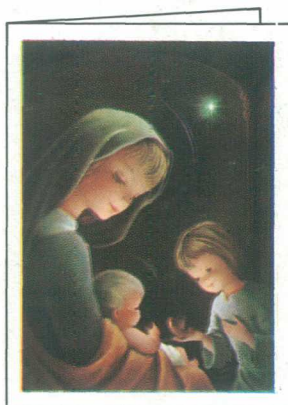
n.º 34 (200 x 150 mm)



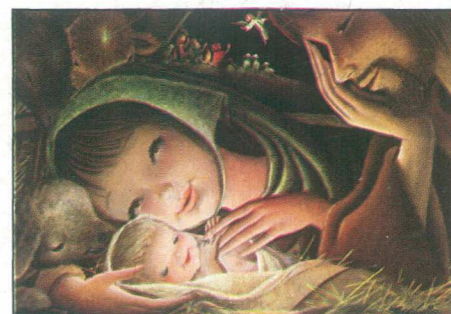
n.º 36 (220 x 140 mm)



n.º 37 (200 x 140 mm)



200 x 140 mm



n.º 39 (210 x 150 mm)

MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS	MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
Nº 29	70,00 cada cartões	Nº 69	60,00 cada cartões
Nº 31	70,00 cada cartões	Nº 70	60,00 cada cartões
Nº 33	70,00 cada cartões	Nº 71	60,00 cada cartões
Nº 34	70,00 cada cartões	Nº 72	60,00 cada cartões
Nº 36	70,00 cada cartões	Nº 73	60,00 cada cartões
Nº 37	70,00 cada cartões	Nº 74	60,00 cada cartões
Nº 38	70,00 cada cartões	Nº 75	60,00 cada cartões
Nº 39	70,00 cada cartões	Nº 76	60,00 cada cartões
SUBTOTAL cartões	+ SUBTOTAL cartões

TABELA DE DESCONTOS

quantidade de pedidos

pedidos de 201 a 400 cartões 10% de desconto
pedidos de 401 a 600 cartões 20% de desconto
pedidos de 601 a 800 cartões 30% de desconto
pedidos superiores a 800 cartões 40% de desc.

Reúna o pedido de amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os espaços corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados e envie para:
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 54.215 - Cep 01296 - São Paulo-SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado da Federação: _____

Assinatura: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

ATENÇÃO!

Para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar

Faça assim:

- 1 - Preencha corretamente os espaços pontilhados;
- 2 - some a quantidade de cartões pedidos.
- 3 - verifique, na *tabela de descontos*, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra. Com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

- Os cartões serão remetidos por meio da Livraria Ave Maria e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.

- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.